

IMPRESSÕES
SÉCULO XX

Eduardo Haagen



Era
tarde
quando
meu neto
me perguntou:
Como foi no início?

sim
é possível
sim

A
energia
em movimento
cria o espaço e revela
o tempo da transformação
da unidade do todo em existência
individualizada. O movimento, intenso,
cria minúsculas concentrações de energia:
as primeiras entidades materiais. Mas
tão intenso foi o movimento que
logo desmaterializou o que
havia acabado de criar.
No início a vida
era muito
breve.

Porém,
o que parecia
estar sendo a aniquilação
das primeiras entidades materiais,
era sim a sua transformação
em uma outra forma
de existência:
Luz.

E
como
o movimento
continuou expandindo
o espaço no tempo, sua intensidade
diminuiu, pois não mais estava confinado ao
ínfimo ponto que era o todo no início.
Com isso a matéria deixou de
ser desmaterializada
logo após sua
criação.

Assim,
envoltas em luz,
as partículas elementares
hádron e lépton foram as primeiras
entidades materiais a habitar
o universo recém
manifesto.

Mas
mesmo
estando imersas
num universo sob intenso
movimento de dispersão, essas entidades
primordiais, sendo entidades complementares,
passaram a se unir numa nova unidade:
o par, o relacionamento primordial
por nós denominado
hidrogênio.

E,
em
pouco
tempo, a
maioria das
entidades materiais
primordiais estava entrelaçada
num desses relacionamentos. E mais,
tão numerosos foram esses pares que, por sua
própria atração gravitacional coletiva,
formaram imensas nuvens no
céu, minimizando assim
a sua dispersão na
imensidão do
espaço.

E nestas
regiões densamente
povoadas de matéria os pares
elementares continuaram a colidir e
a se aglutinar. A cada átomo de hidrogênio
que se reunia aos outros era reforçado o processo
de concentração da matéria até que, no interior de uma
dessas nuvens, na que nós viemos a chamar de Via Láctea,
a concentração de hidrogênio se tornou suficientemente alta
para que a atração gravitacional unisse profundamente os
átomos de hidrogênio. Nascia então, por fusão nuclear,
a nossa estrela, após uma gestação de trinta milhões
de anos, para uma vida longa, de dez bilhões de
anos. Mas o nascimento do Sol não foi um
evento isolado; as estrelas se originam
em grupos, no interior de nuvens
que contêm matéria suficiente
para a formação de milhares
de estrelas. Assim, enquanto o Sol
estava se constituindo, outras estrelas,
muito próximas a ele, também estavam em
desenvolvimento. Algumas delas, as que eram
muito maiores que o Sol, tiveram um curto período
de gestação e, também, uma vida breve; de apenas uma
fração do tempo que o Sol está tendo. Porém, em seu breve
ciclo de vida, tiveram uma existência admirável e efetuaram,
em seus últimos momentos, uma transformação extraordinária:
a união de pares elementares em unidades ainda maiores como
o carbono, o oxigênio e o silício; elementos estes que viriam a
ser parte da matéria prima da geração seguinte de estrelas
e planetas quando, em seu estado de super nova, elas
expandiram-se muito rapidamente e semearam
o espaço ao seu redor com os novos
elementos que haviam
acabado de
criar.

Assim,
contendo
resquícios de
inúmeras outras
estrelas, se formou,
há uns cinco bilhões, a
nossa nuvem primordial,
centrada no Sol. Entretanto,
nem toda a matéria desta
nuvem se aglutinou
ao redor do Sol.
Ocorreram

constantes movimentos de atração
centrados em outros pontos dessa nuvem
locais onde vieram a se formar
os planetas e seus satélites

corpos celestes que

por mútua atração

ao redor do Sol

vieram a constituir

o nosso ambiente local

o sistema solar.

SOL

Mercúrio

Vênus

Terra Lua

Phobos

Marte

Deimos

ASTERÓIDES

JÚPITER

Metis

Adrastea

Amalthea

Thebe

Io

Europa

Ganymede

Callisto

Leda

Himalia

Lysithea

Elara

Ananke

Carme

Pasiphae

Sinope

	Pan
	Atlas
	Prometheus
	Pandora
	Epimetheus
	Janus
	Mimas
	Enceladus
SATURNO	Tethys
	Telesto
	Calypso
	Dione
	Helene
	Rhea
	Titan
	Hyperion
	Iapetus
	Phoebe

- URANO

Cordelia

Ophelia

Bianca

Cressida

Desdemona

Juliet

Portia

Rosalinda

Belinda

Puck

Miranda

Ariel

Umbriel

Titania

Oberon

	Naiad
	Thalassa
	Despina
	Galatea
	Larissa
	Proteus
NETUNO	Triton
	Nereid

Plutão **Charon**

Assim, através de momentos de abrupta transformação na composição da matéria, que foram complementados por períodos extremamente longos de mudança gradual na forma de agregação desta mesma matéria, foi que a galáxia que nos abriga, a Via Láctea, se formou. E foi assim também que se formou o Sol e os seus planetas, incluindo a Terra, viva.

E sim, eu sei que para você, meu neto, esta é uma história bem conhecida, pois lhe foi entregue, quando ainda criança, como parte do patrimônio intelectual da humanidade. Porém, para mim, este mesmo conhecimento chegou como uma percepção surpreendente: a constatação de que o planeta que habitamos é apenas um breve momento no longo transcorrer do processo evolutivo da Via Láctea.

Esta foi uma compreensão inesperada, mesmo para mim, que nasci na segunda metade do século XX, pois, até então, tudo o que os cientistas haviam conseguido obter eram apenas uns poucos dados sobre a composição dos planetas do sistema solar e das estrelas mais próximas.

Contudo, na década de 60, Arno Penzias e Robert Wilson detectaram resíduos do calor emitido pela explosão inicial. Era a evidência que estava faltando para que – quando associada às irrefutáveis medições do movimento de dispersão das galáxias realizadas algumas décadas antes por Edwin Hubble – a teoria da grande expansão térmica deixasse de ser apenas mais uma dentre as muitas propostas que estavam sendo debatidas pelos cientistas do século XX e se tornasse o principal modelo para a compreensão do processo de formação do Universo.

Mas esta nova teoria, de um universo em expansão, não veio a ser aceita de imediato e, muito menos, irrestritamente. Assim, nas décadas seguintes, as investigações prosseguiram visando tentar conseguir obter a sua comprovação, ou mesmo a sua refutação. Porém, à medida que aumentava o número de instituições de pesquisa que se reuniam a este esforço, maior se tornava a quantidade de dados que comprovavam a validade deste novo modelo.

E em pouco tempo, menos de duas décadas, os cientistas conseguiram obter dados suficientes para poder apresentar uma proposta de qual seria o resultado último da expansão do Universo.

Eles conseguiram, através de seus instrumentos, constatar que as galáxias, apesar de estarem se afastando, o estavam fazendo cada vez mais devagar, o que significava que haveria um momento em que elas viriam a parar por completo. E, como a atração gravitacional continuaria atuando, o Universo, inevitavelmente, viria a se contrair. Mas não num colapso instantâneo, e sim, num movimento contínuo, ficando mais denso à medida que a contração aumentasse e, também, mais quente, até se reduzir a um estado extraordinariamente denso e quente, semelhante, se não idêntico, àquele do qual tinha se originado.

Enfim, eles descobriram que nós vivemos num universo que, ao final de cada movimento de expansão, realiza um movimento de contração. E mais, que cada movimento de contração é seguido por um novo movimento de expansão; que o universo que nós habitamos existe oscilando entre dois momentos extremos, como numa respiração; um Universo que é eterno porque se renova ao final de cada temporada, como no ciclo das estações.

Sim, eu sei que para você isto é claro. Entretanto, para nós, para a nossa sociedade, foi difícil assimilar esta nova idéia e, principalmente, perceber as significativas implicações que esta nova forma de perceber o mundo ao nosso redor poderia ter em nossas relações sociais. Mas não porque esta idéia, em si, fosse difícil de ser compreendida. É que nós havíamos sido ensinados que a ordem só poderia existir em estados calmos e estáveis; que o caos só poderia gerar desagregação e destruição; que o Universo, até então imaginado como sendo algo estável, só poderia ter sido o resultado da intervenção de um deus todo poderoso que, no início dos tempos, havia decidido trazer a ordem ao caos.

E nos ensinavam isto para que pudessem argumentar que, assim na Terra como no Céu, era preciso que as pessoas fossem conduzidas por seres superiores para que fosse possível existir ordem em meio a um mundo caótico.

Assim, a idéia de que o Universo pudesse evoluir a partir de forças que lhe eram inerentes, sem o controle de uma entidade superior que conduzisse cada detalhe do processo, foi negada de maneira veemente pelas instituições que temiam que este novo conceito pudesse trazer modificações no contexto social; mais exatamente, na esfera do poder. Por isso elas insistiram, intransigentemente, em continuar ensinando que o movimento não conduzido, isto é, a liberdade, só poderia gerar desordem e, conseqüentemente, destruição.

E uma destas instituições foi a Igreja de Roma. Ela era uma poderosa organização européia de atuação internacional que, em pleno século XX, ainda possuía considerável prestígio junto ao povo brasileiro e que, inescrupulosamente, se aproveitava do nosso amor por Jesus para trazer para o novo continente a sua antiga discórdia com a Ciência.

Com isso, apesar do conceito de um universo em evolução não entrar em conflito com a nossa fé em Jesus e, assim, poder ser incorporado à nossa cultura com facilidade, não foi isso que aconteceu. A Igreja de Roma trabalhou arduamente no sentido de obscurecer este conceito, e muitos outros que também eram verdadeiros, simplesmente porque estes colocavam em dúvida vários dos fundamentos do seu poder.

Além disso, ela não admitia que verdades sobre como Deus realizava a Sua obra fossem apresentadas por outra instituição que não ela mesma. Não admitia isto porque, para ela, isto era considerado uma invasão no que ela julgava ser seu monopólio, sua propriedade exclusiva: o saber de como Deus realizava Sua criação.

Mas esta discórdia entre a Igreja e a Ciência não era mútua. A Ciência estava acostumada a ser questionada, pois isto fazia parte do seu método para a obtenção do conhecimento.

Contudo, para a Igreja, não eram admissíveis idéias que não estivessem de acordo com a maneira de pensar do Santo Padre. Este não admitia o pensamento independente. Para ele, e para a sua Igreja, a liberdade de pensamento era algo intolerável.

E, em sua arrogância e prepotência, a Santa Igreja de Roma chegou ao absurdo de praticar a perseguição sistemática de todos aqueles que divulgassem idéias que, no seu entender, não estivessem de acordo com as verdades reveladas nas suas Sagradas Escrituras.

Eu sei que para você isto pode parecer um exagero meu, mas não é. Pode parecer inacreditável que aqueles que se diziam seguidores dos ensinamentos de Jesus, daquele que ensinava o amor, tenham, de maneira obstinada, perseguido, torturado e matado milhares de pessoas. Mas, infelizmente, isto é verdade. Houve um tempo em que assim procediam as autoridades eclesiásticas de Roma.

Isto aconteceu na metade do segundo milênio, num período denominado Renascença; na mesma época em que a Ciência, tal como a conhecemos hoje, iniciava a sua formação. Foi na mesma época em que começava a se desfazer, depois de mais de mil anos, o sombrio domínio cultural da Igreja sob vastas regiões da Europa. E isto estava acontecendo porque muitas descobertas estavam revelando que as crenças defendidas pela Igreja não tinham qualquer respaldo no mundo real, como a que atestava que nós habitávamos um mundo que era plano e que, o que era muito mais importante, este tinha seu centro na cidade santa de Jerusalém. A verdade, como constataram os navegadores do século XV, era de que não existiam monstros no final de uma terra plana; que além do mar ocidental existia um belíssimo continente, muito maior do que o europeu e que, ambos, o velho e o novo continente, existiam em um planeta que era, de fato, esférico.

Mas, além das novas descobertas que negavam as crenças tradicionais, novas invenções também estavam ampliando o nosso conhecimento e transformando o nosso modo de pensar.

Uma dessas invenções foi obra de Johannes Gutenberg que, neste mesmo século, passou a utilizar caracteres móveis para a impressão de livros. Com isso ele tornou a reprodução de livros algo fácil e barato, o que acabou permitindo que a divulgação e assimilação de novos conceitos pudesse ocorrer para além dos muros dos mosteiros e mais, fora das salas das universidades.

Então, a partir de novos conhecimentos, e de sua ampla divulgação, o povo começou a desconfiar e a desacreditar, e mais, a rejeitar os conceitos e determinações que, até então, haviam prevalecido fundamentados apenas no prestígio e na autoridade do clero romano.

Assim, vendo que estava perdendo seu poder sobre a vida das pessoas, a Igreja ressuscitou, em 1542, o Santo Ofício da Inquisição: uma instituição que havia sido criada em 1232 para investigar a heresia, a feitiçaria, a magia e a alquimia, e que, agora, estava sendo revivida para, mais uma vez, lutar contra a ignóbil depravação herética que estava se apoderando da comunidade cristã.

E isto foi feito com a ajuda do Colégio dos Jesuítas: uma instituição fundada em 1560 para liderar as forças intelectuais e culturais da Igreja contra todos aqueles que se recusassem a acatar e seguir os sagrados dogmas da Santa Igreja de Roma.

A partir daí a Igreja passou a atormentar a vida de todo aquele que pensava de maneira diferente a do Santo Papa. As pessoas passaram a ser intimidadas a se retratar de seus erros e, quando não o faziam voluntariamente, eram perseguidas, aprisionadas e postas sob tortura para que, dessa maneira, conseguissem aprender qual era o modo correto de pensar.

Mas, se mesmo assim, o herege ainda recusasse a divina revelação, este era morto num ato que era considerado de misericórdia para com a alma impura do desgraçado pecador.

Foi este o destino de Giordano Bruno que, por defender a idéia de Nicolau Copérnico de que a Terra girava em torno do Sol, e não o contrário, como era do agrado de Sua Santidade, foi sentenciado a ser morto na fogueira, em 1600.

Mas não foram apenas aqueles que pesquisavam os céus que a Igreja assassinou. Estes foram até minoria. Das mais de cem mil pessoas que foram perseguidas pela Igreja entre os anos de 1600 e 1700, oitenta e cinco mil foram mulheres que, por discordarem de alguma forma do papel para elas designado pelo Santo Padre, tiveram, em sua maioria, morte brutal nas fogueiras da Inquisição sob a acusação de praticarem feitiçaria.

Assim, na sua tentativa de manter o poder, a Igreja passou a usar abertamente de violência para coagir as pessoas a terem o comportamento que ela julgava correto. Passou também a não admitir a divulgação de qualquer interpretação dos fenômenos celestes que não fossem as suas, de tal forma que a observação sistemática dos céus passou a ser um ato de insurreição já que, para ela, todo conhecimento válido sobre os céus, e sobre tudo mais que lhe aprouvesse, se encontrava nas interpretações de Sua Santidade das verdades contidas nas Sagradas Escrituras.

E entre estas interpretações estava uma noção que era muito peculiar: a de que a Terra era impura, em oposição às estrelas, que por habitarem os céus, seriam puras, perfeitas e imutáveis. E imutáveis porque o que era perfeito não mudava, permanecia idêntico a si mesmo, sem qualquer variação ou mudança, já que, a mudança, ou qualquer transformação, só seria necessária para os seres imperfeitos ou impuros.

Da mesma forma, argumentava o Santo Papa, a Igreja, por também ser uma criação perfeita de Deus, já que havia sido uma obra de Seu Filho, era uma instituição que não deveria mudar e, muito menos, ser questionada, pois era perfeita por criação e, como tal, deveria permanecer imutável.

Assim, o Santíssimo Papa legitimava as barbaridades que eram praticadas pela Inquisição. Ele dizia que os inquisidores estavam apenas defendendo, pelos meios necessários, a Santa Igreja contra os terríveis ataques dos servos do demônio, posto que, somente almas impuras, que estivessem possuídas pelo próprio demônio, poderiam supor que houvesse algo de errado com a perfeita obra de Deus que era a Santa Igreja de Roma.

Por isso, aqueles que se recusavam a seguir as Doutrinas Católicas passaram a ser vistos como pessoas possuídas pelo demônio. Por isso também aqueles que não foram salvos de seus erros pelos métodos esclarecedores utilizados nos porões da Inquisição tiveram que ser levados para as fogueiras. Esta era a única forma que restava para salvar suas almas impuras: purificá-las pelo fogo para que pudessem vir a ser aceitas no Reino de Deus.

Desta forma o Papa não só conseguia prescrever estes atos insanos praticados pelos inquisidores como sendo apropriados como, também, conseguia apresentá-los como sendo corretos.

Entretanto, como você pode perceber, este comportamento, de forma alguma, e em qualquer tempo, poderia ter sido o resultado da aplicação correta dos ensinamentos de Jesus. O que estava acontecendo era o exercício do poder temporal por homens que, não conhecendo o amor, levavam aos outros as únicas coisas que conheciam: a dor e o sofrimento. E sendo o poder uma das últimas coisas que ainda possuíam, tentavam, de todas as maneiras que tinham ao seu alcance, não perdê-lo.

Assim, porque o poder dos padres estava fundamentado na suposição de que a Igreja de Roma era uma perfeita obra de Deus, a começar pelo Santo Papa, foi que qualquer afirmação que mostrasse que ele, assim como qualquer outro ser humano, estava sujeito ao erro, tinha que ser sufocada. Pela lógica da própria Igreja, se o Papa cometesse um erro, isso provava que ele não era um ser perfeito; e que por não ser um ser perfeito, abençoado com o saber divino, as suas palavras deixavam de ser a revelação dos sagrados desígnios de Deus e se tornavam apenas indicações ou, quando muito, recomendações; não mais ordens que deveriam ser obedecidas, inquestionavelmente, por todos nós. Foi por isso que a descoberta de que a Terra girava em torno do Sol sofreu tão violenta oposição por parte da Santa Igreja; isto ameaçava um dos fundamentos do seu poder, já que indicava que o Papa havia cometido um erro quando defendeu que a Terra era o centro da abóbada celeste.

Porém, se a Igreja tivesse tido a necessária coragem para aceitar os resultados das observações de Copérnico, ou se pelo menos tivesse permitido que os pesquisadores prosseguissem em paz com seu trabalho, não creio que ela teria perdido seu prestígio junto ao povo. Contudo, o Papa desejava mais: queria ser glorificado e adorado. E, o clero romano, desejava o poder.

Assim, o que aconteceu — o uso de violência na tentativa de manter o poder — foi apenas o que se poderia esperar daqueles que conduziam uma instituição que havia sido fundada por pessoas que, apesar de terem tido a suprema graça de conviver com Jesus, nada haviam aprendido.

Como imaginar que seriam corajosas, e diriam a verdade, pessoas que pertenciam à instituição criada por Pedro: aquele que havia negado seu mestre três vezes antes do dia clarear? Como não usariam da violência pessoas que eram como Simão: aquele que, na véspera de Jesus entrar em Jerusalém, insistia para que ele o fizesse acompanhado por mais de cinquenta mil homens que, armados, estavam dispostos a matar pela causa? Como poderiam confiar, e seguir como Jesus havia ensinado, pessoas de tão pouca fé como Tomé? Como poderiam perceber que havia algo de errado com um raciocínio que levava à morte milhares de mulheres pessoas que, como os apóstolos, tinham um profundo desprezo por Maria Madalena? E mais, por que haveriam de seguir o exemplo de Jesus — que tratava todos os seres humanos como irmãos — se o próprio Paulo apresentava como válido o pensamento aristotélico que ensinava ser correto e justo possuir escravos?

É, porque foi assim, por intermédio de Paulo, e para agradar aos poderosos de Roma, que a lógica aristotélica, com todas as suas nefastas conseqüências, entrou para a história de Jesus.

Paulo queria expandir a sua mensagem e, para não entrar em conflito com os senhores de escravos da sociedade romana, fez o primeiro dos muitos acordos que a Igreja viria a celebrar, ao longo dos séculos, com os ocasionais detentores do poder em detrimento do que Jesus havia ensinado.

Assim, para ter sua religião aceita pelos senhores romanos, Paulo adotou o modo de pensar de Aristóteles, que ensinava, entre muitas outras coisas, que uma família, para ser completa, deveria possuir escravos, pois sem os objetos necessários ao lar não seria possível viver. Mais exatamente, que entre os objetos de uso domésticos, alguns inanimados e outros vivos, estava o escravo, um instrumento vivo. Enfim, que sendo esses brutos, como ele dizia, seres inferiores por obra da própria natureza, era justo e correto que, para o seu próprio bem, eles estivessem sob as ordens de um mestre.

Mas haviam muitas pessoas que contestavam este raciocínio, argumentando que a servidão não era um estado natural mas o fruto da soberba e da arrogância de alguns: que a escravidão era uma obra daqueles que, na sua sede por poder, mantinham as pessoas na ignorância e, conseqüentemente, submissas.

E dentre os que contestavam a servidão, e o modo de pensar que apoiava esta mentalidade, estava Sócrates, que já na antiga Grécia havia mostrado que, mesmo uma pessoa que tivesse passado a maior parte de sua vida como escravo, quando tinha a oportunidade de participar de um processo educacional, se mostrava tão capaz quanto qualquer outro cidadão.

Mas Sócrates havia sido condenado à morte. E suas idéias, por contrariarem os interesses daqueles que detinham o poder na democracia ateniense, haviam sido banidas. Não era o que Paulo queria. Ele desejava ter seus ensinamentos aceitos pelos poderosos de Roma.

Por isso, dentre os muitos pensadores da antiga Grécia, a Igreja escolheu Aristóteles. Este pensador, além de servir para validar as absurdas ações que ela perpetrava, tinha o aval do Santo Apóstolo Paulo.

Contudo, esta escolha, além de todo o mal que provocou, fez também com que tivéssemos que esperar a passagem de muitos séculos para que a noção, fundamental, de que somos apenas uma ínfima parte de um longo processo universal de transformação, fosse novamente descoberta.

E novamente porque muitas das civilizações que haviam florescido anteriormente neste planeta já tinham alcançado esta mesma percepção. A própria civilização grega havia chegado muito próximo desta mesma verdade através de alguns dos seus pensadores.

Demócrito foi um desses. Ele afirmava que uma grande quantidade de mundos tinham se formado a partir de matéria anteriormente difusa existente no espaço. E também Hiparco, que dizia que as estrelas se formavam e que, eventualmente, estas um dia viriam a perecer.

E Aristarco, que ensinava que a Terra orbitava ao redor do Sol. Além de Eratóstenes que, muito mais do que saber que o planeta Terra era esférico, tinha conseguido, com o auxílio da matemática, calcular seu tamanho com grande precisão.

Entretanto, as idéias desses gregos não eram do interesse do clero romano. Um planeta imerso num universo em contínuo processo de transformação não era uma idéia conveniente para uma instituição que estava conseguindo se manter apenas pela força da tradição. Já Aristóteles, com suas causas naturais para justificar o poder absoluto de alguns sobre a grande maioria, era alguém bem mais adequado. Optar por Aristóteles foi a escolha natural de pessoas que não desejavam o conhecimento e, muito menos, o entendimento, apenas a nossa incondicional obediência aos seus desígnios.

Porém, o resultado final dessa escolha foi que as conclusões obtidas pelos cientistas nunca mais viriam a ser apresentadas de uma maneira que pudesse ser entendida pelas autoridades eclesiásticas. Esta foi a forma que aqueles que pesquisavam a Natureza encontraram para evitar a perseguição da Igreja.

Por isso Isaac Newton, em seu livro *Princípios Matemáticos de Filosofia Natural*, publicado em 1687, intencionalmente usou de uma linguagem excessivamente matematizada. Ele queria evitar ser atormentado pelo clero. Contudo, isso, infelizmente, também acabou nos afastando pois, a maioria de nós também não sabe lidar com a linguagem da Matemática.

Ou seja, por causa da intransigência da Igreja, nós ficamos impedidos de conhecer e compreender as grandes descobertas feitas por Newton pois, apesar de sua filosofia estar sustentada pela Matemática, esta podia muito bem ser comunicada sem ela. Mas Newton havia aprendido com as desventuras de Galileu.

Galileu Galilei havia sido um mestre extraordinariamente popular na Universidade de Pádua, ao ponto de suas aulas chegarem a ter mais de mil alunos. Além disso, ele tinha se tornado muito famoso por toda a Europa quando, em 1610, publicou seu primeiro livro, *Mensageiro Celeste*.

Nele Galileu apresentava, num relato coloquial, suas mais recentes observações da abóbada celeste. Ele comunicava que quatro estrelas orbitavam ao redor de Júpiter, e não ao redor da Terra, como deveriam. Além disso, ele afirmava que a Lua não possuía uma superfície perfeitamente lisa, nem exatamente esférica; que, ao contrário disso, ela estava repleta de elevadas montanhas e de vales profundos, tal qual a superfície do nosso planeta.

Porém, a divulgação destes novos fatos provocou a ira das autoridades eclesiásticas já que contrariavam Santo Agostinho, outro erudito muito estimado pela Igreja, que havia afirmado que a Lua, evidentemente a maior estrela depois do Sol, para fazer jus à perfeição divina, deveria ser perfeitamente esférica e absolutamente lisa.

Enfim, porque Galileu contrariou alguns dos dogmas que eram defendidos pela Igreja e mais, o fez através de um livro que podia ser compreendido por muitos, ele acabou sendo diligentemente importunado pela Igreja por mais de vinte anos até que, em 1632, foi condenado a passar o resto de sua vida sob prisão domiciliar. E isto porque ele teve o bom senso de abjurar solenemente, perante a Congregação Geral do Santo Ofício da Inquisição, da sua crença de que a Terra girava ao redor do Sol. Se tivesse insistido, ele também teria sido levado para experimentar os novos métodos educacionais que estavam sendo desenvolvidos pela Santa Inquisição.

Por isso, cinqüenta anos depois, Newton achou prudente usar da inacessível linguagem matemática para descrever suas descobertas pois, ele também, já tinha tido a oportunidade de presenciar a perseguição religiosa.

Quando Newton nasceu, em 1642, a burocracia da Igreja tinha acabado de ser destruída. Os bispos e seus tribunais eclesiásticos tinham sido banidos, as terras da Igreja tinham sido confiscadas e mais, a censura eclesiástica, assim com o controle eclesiástico sobre a educação, tinham sido sustados.

E, em 1649, a própria monarquia havia sido eliminada. O Parlamento havia sido declarado o poder supremo da nação, de maneira que, o controle da nação, agora, estava nas mãos dos comerciantes, dos artesãos, dos agricultores e, também, de uma pequena parte da nobreza que apoiava a República.

Contudo, a Inglaterra republicana existiu por apenas onze anos. Em 1660 o trono foi devolvido a Charles II e a Câmara dos Lordes foi restabelecida e, também, os bispos retornaram.

Newton, então com dezenove anos de idade, tinha acabado de ingressar na Universidade de Cambridge e, com tristeza, estava testemunhando o mestre de sua faculdade, designado diretor pelos parlamentaristas, ser demitido contra a vontade do corpo docente. Era a censura que voltava para limpar as universidades dos que não se conformavam com as estruturas tradicionais.

Vendo isso ele achou apropriado guardar seus pensamentos para si mesmo apesar de, nos primeiros quatro anos após ter ingressado em Cambridge, ele já ter elaborado a maior parte de sua obra. Foi preciso que mais de vinte anos se passassem para que seu amigo Edmund Halley finalmente conseguisse convencê-lo a publicar sua filosofia.

Mas, quando ele o fez, apresentou o seu trabalho envolto por inacessíveis formulações matemáticas já que, com o seu trabalho, ele completava a desmistificação dos corpos celestes iniciada por Galileu. E, os trabalhos publicados por Galileu, ainda continuavam proibidos pela Igreja.

Assim, ainda tivemos que esperar mais alguns séculos para que conseguíssemos ter uma real compreensão dos fenômenos físicos. E, como você sabe, muito mais tempo ainda para que finalmente conseguíssemos compreender, e conseqüentemente desmistificar, as nossas relações sociais.

Mas apesar de só termos realmente conseguido transformar as nossas relações sociais a partir do início do século XXI, os primeiros passos nesta direção foram dados muito antes, em 1859, quando Charles Darwin publicou seu livro *A Origem das Espécies*.

Foi a partir desse livro que começamos a ter uma percepção mais clara dos outros seres vivos do planeta Terra e, com isso, começamos a dar os primeiros passos em direção a uma melhor compreensão de nós mesmos, um dos muitos animais sociais que habitam o planeta Terra.

Mas este livro, que Darwin sabia ser um passo importante para a compreensão do mundo ao nosso redor, passou muitos anos aguardando sua publicação. É que Darwin, assim como Newton, era o tipo de pessoa que tentava evitar conflitos com pessoas que, de qualquer maneira, não iriam sequer considerar as novas idéias e as muitas provas que ele tinha para apresentar.

Por isso ele preferia conversar sobre a origem das espécies apenas com seus amigos mais próximos e, apesar da insistência destes para que ele publicasse logo seu livro, ele lhes dizia que preferia que este fosse uma obra póstuma.

Contudo, em 1858, outro cientista, Alfred Wallace, chegou a conclusões bem parecidas com as de Darwin. E, sem demora, enviou um ensaio, intitulado *Da Tendência das Variedades de se Afastarem Indefinidamente do Tipo Original*, para que fosse avaliado pelo próprio Darwin, pedindo que este, caso julgasse seu trabalho de algum valor, o levasse para ser publicado.

Com isso Darwin não mais pode adiar a publicação dos resultados de suas pesquisas. Em julho de 1858, na Linnean Society, foi lida uma publicação conjunta de Darwin e Wallace versando sobre a seleção natural.

Contudo, Wallace não havia tido receio de apresentar a sua descoberta porque, para ele, nós, seres humanos, não havíamos evoluído da mesma maneira que os outros animais.

Wallace acreditava que os seres humanos eram uma criação direta de Deus, enquanto que Darwin, depois de ter estudado uma enorme quantidade de dados geológicos, paleontológicos, biogeográficos, anatômicos, fisiológicos e embriológicos, não mais conseguia continuar acreditando nisto.

Na verdade, o ponto de vista de Wallace era muito próximo daquele que era defendido pelo Reverendo Adam Sedgwick. Este, que havia sido professor de ciências naturais de Darwin, ensinava, em 1850, que, de fato, ocorria um desenvolvimento histórico das formas e das funções na vida orgânica. Entretanto, ele não admitia que fosse possível ocorrer uma descendência contínua de sucessivas formas de vida que, com o passar do tempo, se modificassem tanto a ponto de se tornarem diferentes espécies. Para ele, só a potência divina poderia ser responsável pelo aparecimento de novas formas de vida.

E isto era muito semelhante ao que Wallace dizia. Ele falava que as espécies, em interação com o meio ambiente, tendiam, com o tempo, a se afastar do tipo original, e só. Ele não fazia especulações sobre a possibilidade desses tipos originais não terem sido criados diretamente por Deus. E, principalmente, não colocava os seres humanos como sendo parte do mundo animal. Por isso ele não hesitou em apresentar suas conclusões. Ele não colocava a nossa espécie como apenas mais uma das muitas espécies que habitavam este planeta.

Já Darwin, que havia aprofundado muito o seu raciocínio e, com isso, havia chegado a conclusões que entravam em conflito com as idéias criacionistas, sabia que, por defender uma teoria que afirmava que os seres humanos eram animais mamíferos que descendiam de outros mamíferos, teria que enfrentar uma tempestade de protestos por parte daqueles que, obtusamente, não iriam sequer tentar analisar as muitas provas que ele tinha para apresentar.

E, um desses, foi o Bispo de Oxford Samuel Wilberforce que, fundamentado apenas numa interpretação literal do relato bíblico da Criação, tentou desacreditar, pelo uso da zombaria, a teoria evolucionista proposta por Darwin.

Porém, os cientistas não mais estavam tolerando a oposição intransigente da Igreja. Num debate público realizado na Royal Society, em 1869, Thomas Huxley cuidadosamente apontou os muitos erros contidos na argumentação supostamente científica apresentada pelo Bispo Wilberforce e, por fim, respondendo à impertinente questão colocada por este, sobre se o ancestral símio dele, Thomas Huxley, seria um parente do seu avô ou da sua avó, respondeu que preferia ser relacionado a um macaco do que a um homem que, mesmo sendo dotado de comprovada habilidade, usava-a para perverter a verdade.

Assim, tendo por regra o uso de argumentos científicos, mas também se utilizando da ironia quando adequada, os cientistas começaram a deixar claro que não mais iriam tolerar a estúpida perseguição que era movida pela Igreja.

E a Igreja nada pode fazer a este respeito pois, devido às suas muitas divergências internas, ela havia se fragmentado em inúmeras denominações e, com isso, não mais possuía o poder necessário para impedir a divulgação dos trabalhos que eram realizados pelos cientistas.

Mas, mesmo assim, ela ainda conseguia deturpar as idéias que eram apresentadas por eles pois, em muitos lugares, ela continuava tendo considerável influência sobre as instituições de ensino, de maneira que, a cada geração, ela ainda conseguia renovar na mente das pessoas suas mistificações da realidade.

E mais, porque os princípios defendidos pela Igreja também eram muito úteis para os poderosos que desejavam manter uma ordem imutável, supostamente estabelecida por Deus no início dos tempos, estes, de maneira decidida, ajudaram a Igreja a nos manter longe daqueles que tentavam nos ensinar que os seres vivos, assim como os corpos celestes, estavam evoluindo num mundo que estava em permanente processo de transformação.

Com isso, apesar da teoria evolucionista apresentada por Darwin não ter tido a sua divulgação proibida, muitas décadas se passaram antes que a maioria de nós finalmente conseguisse compreender as suas inúmeras implicações.

Foi apenas no século XX que nós viemos a perceber que o mundo dos seres vivos também era um mundo em movimento, constantemente se modificando para conseguir sobreviver em um planeta que, por sua vez, também se encontrava em um permanente estado de transformação.

Enfim, foi preciso um novo século para que nós viéssemos a compreender que era a descendência com modificação, e não a seleção natural, o conceito básico por trás da teoria de Darwin; que era a variação das características dos muitos indivíduos de uma população que de fato gerava as novas espécies enquanto que, o ambiente, apenas selecionava as características que, por acaso, fossem as mais adequadas. E que, como Darwin fazia questão de ressaltar, isto ocorria naturalmente, sem qualquer intervenção divina.

Porém, no século XIX, nada disso foi enfatizado. Nesta época predominava a mentalidade de pessoas como o filósofo Herbert Spencer que, para descrever as relações sociais na Grã-Bretanha vitoriana, havia cunhado uma frase que seria por muito tempo utilizada como se fosse um resumo apropriado para a teoria de Darwin: a sobrevivência do mais apto.

Ou seja, em consonância com a ideologia que então vigorava no todo poderoso Império Britânico, a teoria da descendência com modificações foi transformada em mera comprovação de uma verdade que todos já conheciam: a de que era natural, e portanto justo, que na tão cruel luta pela vida apenas o mais forte sobrevivesse.

É, porque foi nisso que resultou a teoria evolucionista de Darwin. Esta passou a ser usada como um argumento científico para justificar como sendo natural, e portanto justa e correta, a dominação exercida pelo Império Britânico sobre muitas nações ao redor do mundo.

Assim, mais inteligentes do que os líderes da Igreja, os dirigentes dos Estados modernos não impediam a divulgação dos trabalhos que eram realizados pelos cientistas. Eles tinham outra maneira de agir, mais sutil. Eles apenas procuravam, e sempre acabavam encontrando, pesquisadores inescrupulosos dispostos a deturpar os fatos de forma a obter conclusões mais adequadas aos seus propósitos.

Contudo, às vezes nem isso era necessário. Às vezes eles só tinham que favorecer pessoas que, sinceramente, acreditavam que estavam fazendo ciência quando, de fato, estavam apenas vestindo com formulações matemáticas os seus inconfessáveis preconceitos.

Foi exatamente este o caso em relação ao Reverendo Thomas Malthus. Mais de meio século antes de Darwin ele foi muito festejado pelos dirigentes do Império Britânico como se fosse um grande cientista quando, em 1798, publicou o seu *Ensaio sobre os Princípios da População*.

Neste livro Malthus previa o apocalipse populacional, com milhões de pessoas morrendo de fome já que, segundo ele, as populações humanas sempre cresceriam muito mais rápido do que sua capacidade de produzir alimentos; em outras palavras, que não havia, e nunca haveria, o bastante para todos.

Portanto, Malthus pregava que a pobreza, e até mesmo a miséria, não eram resultado de estruturas sociais inadequadas, mas sim de uma lei da Natureza, inexorável, que ditava que a nossa capacidade de produzir alimentos, ou qualquer outro item de consumo, sempre ficaria muito aquém do aumento da nossa população.

E as elites britânicas adoraram ouvir isto. Causas naturais e explicações científicas para a desigualdade social, a pobreza e a miséria foram novidades muito bem vindas. Eles adoraram poder contar com incontestáveis argumentos científicos para explicar e justificar o imenso sofrimento humano que estavam provocando com sua maneira estúpida e selvagem de erguer uma sociedade industrializada.

Assim, porque apresentava teorias que eram do agrado dos senhores do Império Britânico e dos seus inseparáveis parceiros, os donos das fábricas que produziam as máquinas de guerra, o Reverendo Malthus foi louvado como sendo um dos grandes expoentes no estudo da Economia.

Contudo, o que mais agradou às elites do Império Britânico não foi a sua previsão de um apocalipse populacional; foi a sua veemente campanha para que as condições de vida nos abrigos para os necessitados fossem extremamente duras pois, caso contrário, os pobres também iriam afluir para lá. E isto, para horror dos senhores de indústria, poderia vir a encarecer sua mão de obra pois, se nós não mais estivéssemos tão famintos, não mais iríamos aceitar trabalhar por um salário tão ínfimo.

Entretanto, este não era o ponto de vista de muitas outras pessoas que, por sua vez, pensavam de maneira diferente. Nesta época, como em muitas outras antes e depois, haviam aqueles que defendiam a idéia de que deveria haver maior assistência às pessoas que estavam sendo prejudicadas pelas mudanças que estavam ocorrendo em nossa sociedade. Eram pessoas que diziam que os necessitados não apenas deveriam ser abrigados mas, muito mais do que isso, deveriam ser preparados para se tornarem, novamente, pessoas capazes de atuar como cidadãos plenos em nossas sociedades.

Contudo, Malthus defendia com ardor a idéia de que não se devia fazer nada que de alguma forma pudesse vir a favorecer a proliferação populacional dos pobres e dos miseráveis; que a eliminação do excedente populacional era um processo natural e que, portanto, seria incorreto interferir para tentar mudá-lo ou mesmo amenizá-lo; que a fome, a doença, e até mesmo a guerra, eram partes intrínsecas da vida neste mundo sofredor.

E, porque acreditava nisso, ele não teve que ser corrompido para criar teorias supostamente científicas que agradassem às elites. Ele sinceramente acreditava que seus preconceitos eram, de fato, verdades naturais e, portanto, reuniu um conjunto de fórmulas matemáticas para abalizá-los como tal.

Entretanto, como você aprendeu na escola, as conclusões obtidas por Malthus são hoje um exemplo clássico de como também a pesquisa científica pode ser usada para distorcer fatos e propagar preconceitos pois, atualmente, não temos a menor dúvida de que foi com o auxílio mútuo, junto com a educação para todos, que nós não só conseguimos sobreviver às profundas transformações sociais que ocorreram no início do século XXI como, indo mais além, conseguimos estabelecer um mundo de paz e prosperidade aqui na Terra.

Contudo, durante todo o período que antecedeu ao terceiro milênio, os instintos de cooperação e solidariedade, assim como o de respeito ao próximo, seu semelhante, foram descartados como sendo inconvenientes delírios idealistas; só a discórdia e a competição eram considerados instintos verdadeiros. Apenas o sofrimento seria real. Segundo a mentalidade que era então propagada, a felicidade só poderia ser fruto de uma mente em estado de alucinação e, a paz, algo que só poderia ser obtido no mundo do além.

Assim Malthus, em consonância com a mentalidade do seu tempo, em nenhum momento levou em conta, em seus estudos e em suas conclusões, a mais distinta de todas as aptidões da espécie humana: a de ser capaz de antever possíveis futuros. E mais, ele desconsiderou o fato de que somos capazes de, no caso de alguns desses futuros nos serem desfavoráveis, planejar e executar medidas apropriadas para mudá-los a nosso favor. Ou seja, em nenhum momento ele levou em consideração a criatividade e a inventividade humana pois, para ele, como para todo clérigo, nós éramos apenas míseros pecadores que precisávamos do sofrimento para sermos purificados.

E para completar, o que ele apresentava como solução para seu problema de super população era justamente a abstinência sexual, mesmo dentro do casamento. Portanto, coerentemente, ele endossava todas as restrições morais que fossem úteis para a consecução deste fim. Enfim, ele só conseguia ver soluções que estivessem de acordo com seus preconceitos religiosos.

Assim, apesar da Ciência e da Técnica estarem elevando a nossa capacidade de produção de alimentos, e de todos os tipos de bens materiais, a níveis nunca antes imaginados, maneiras de distribuição desta riqueza não foram consideradas. A idéia de partilhar do imenso excedente que estava sendo produzido não era do interesse de pessoas que se julgavam superiores e, como tal, exigiam ter uma vida luxuosa e, principalmente, de muito poder.

E não podia ser diferente. Os líderes do Império Britânico, comandados por sua Rainha Vitória, não podiam escolher outra ideologia que não aquela que fizesse parecer correto e justo a exploração e a dominação. Na verdade, a escolha já havia sido feita muito tempo antes, há mais de um século quando, frente às primeiras dificuldades, os ingleses decidiram abandonar a alternativa republicana para voltar a louvar a Coroa.

Então, apesar de no século XIX, graças à eficiência técnica, já termos uma indicação de que a produção agrícola poderia ser maior do que o crescimento populacional, isto não foi levado em conta. Prevaleceu a idéia defendida por Malthus de que não havia, e nunca haveria, o bastante para todos; que, pelo contrário, com o passar do tempo, a situação só pioraria pois sempre teríamos cada vez mais pessoas e menos recursos.

E como esta mentira era muito conveniente para as elites que dirigiam o Império Britânico, pois servia para justificar as desigualdades sociais, a teoria evolucionista apresentada por Darwin foi sutilmente reduzida a um mero complemento das idéias apregoadas por Malthus e, assim, acabou servindo para difundir o preconceito de que apenas as sociedades que fossem competitivas e individualistas seriam capazes de progredir.

Com isso a análise dos eventos relacionados à produção, distribuição, acumulação e consumo de bens materiais passou a ser iluminada pelos conceitos de uma nova área de estudos; o darwinismo social que, como o próprio nome indica, estendia à nossa vida em sociedade, incluindo aí as nossas interrelações econômicas, o princípio da seleção natural.

Então, a partir daí, o mecanismo da teoria da origem das espécies, a seleção natural, passou a ter um imenso destaque, enquanto que, a principal conclusão que decorria da teoria de Darwin, a de que todos os seres vivos da Terra tinham uma origem em comum, foi praticamente esquecida por quase um século.

Foi só na segunda metade do século XX que nós viemos a compreender o verso de Erasmus Darwin, avô de Charles, que expressava a essência da teoria científica que mais tarde viria a ser apresentada por seu neto; “primeiras formas, diminutas, movendo-se através da massa aquosa, em sucessivas gerações florescem, adquirindo novas habilidades”.

Enfim, foi necessário a passagem de várias gerações para que o significado profundo desta intuição fosse devidamente percebido e transformado na pedra fundamental de uma nova teoria: a Hipótese Gaia.

Sim meu neto, porque foi apenas no final do século XX que a idéia de que a Terra, como um todo, era um organismo vivo e não apenas uma rocha inerte sobre a qual viviam as plantas e os animais voltou a ser considerada uma representação mental válida, ou mesmo admissível, do nosso ambiente local.

Foi apenas no limiar do terceiro milênio que nós, os nativos do continente ocidental, após quase quinhentos anos, pudemos voltar a reverenciar a nossa mãe Terra, Pachamama, e o nosso deus Sol, Inti, sem mais sermos atacados, ridicularizados e até mesmo assassinados pelos poderosos senhores da guerra que tinham vindo da velha Europa e, também, por seus tão puros e bondosos homens de fé, os malditos padres.

Mas isto renovado pela visão científico racional que havia sido desenvolvida pelos muitos pesquisadores desta mesma Europa. Pessoas que, apesar de toda perseguição e de toda violência que lhes eram infligidas, haviam sido capazes de manter os seus espíritos vivos durante os longos períodos de trevas que assolaram aquela e muitas outras regiões deste planeta antes que ocorresse o despertar da humanidade .

Então, como eu estava lhe dizendo, no final da segunda metade do século XX, graças ao esforço coletivo de muitas pessoas que por séculos haviam pesquisado a Natureza com lucidez e perseverança, nós finalmente começamos a ter uma compreensão mais apurada do mundo ao nosso redor; não mais aquelas tão velhas histórias abarrotadas de mistificações, mas a verdadeira história de nossas vidas.

Foi através dessas pessoas que viemos a saber que a Terra, no início, havia sido um lugar extremamente inóspito; que sua superfície havia sido muitíssimo mais quente do que é hoje e que, com isso, ela não apenas havia sido um lugar inabitável mas que, além disso, esse calor havia provocado a dissipação para o espaço dos gases da sua primeira atmosfera; que além de ter sido um planeta extremamente quente a Terra, no início, não havia sido dotada uma atmosfera.

No entanto, a Terra não era estática e, muito menos, estável. Seus muitos vulcões expeliram enormes quantidades de rocha, gás carbônico e vapor d'água sobre a sua superfície. E, numa quantidade menor, eles também expeliram outros gases como o hidrogênio, o oxigênio e o nitrogênio, de modo que, a partir de sua intensa atividade vulcânica, a Terra acabou por formar sobre sua superfície uma nova atmosfera. E, à medida que o tempo foi passando, ela acabou dissipando para o espaço muito do seu calor, de maneira que, aos poucos, ela conseguiu obter uma temperatura mais amena sobre sua superfície e, os novos gases atmosféricos que ela tinha acabado de liberar, não mais foram tão intensamente impelidos para o espaço como haviam sido os gases da sua fase inicial, muito quente.

Desta forma a Terra não apenas conseguiu gerar uma nova atmosfera como esta não se perdeu na imensidão do espaço; permaneceu e se tornou parte do seu corpo planetário.

E mais, com a redução da temperatura ambiente, o vapor d'água que era exalado pelos vulcões passou a se condensar em água líquida, num processo lento mas contínuo que, por fim, formou lagos, rios e oceanos sobre sua superfície.

Assim, com uma temperatura mais amena, uma atmosfera rica em gás carbônico, e com água em estado líquido, a Terra prosseguiu seu processo evolutivo.

Mas, apesar do ambiente terrestre já ter se tornado menos inóspito, este ainda continuava sendo muito turbulento. Além da intensa atividade geológica que ocorria em sua superfície, intensas tempestades de raios estavam liberando uma enorme quantidade de energia na sua recém formada atmosfera.

Foi esta energia que, interagindo com os elementos da nossa atmosfera primitiva, sintetizou em grandes quantidades uma grande variedade de moléculas, muito mais complexas do que as que têm possibilidade de se formar por acaso numa coleção de átomos livres; moléculas que ficaram dissolvidas nos lagos e oceanos da Terra primitiva e que, mais tarde, se tornaram os componentes fundamentais da ordenada atividade energética que nós chamamos de vida orgânica.

Então, no turbulento ambiente da Terra primitiva, as novas moléculas, compostas basicamente de carbono, passaram a ser expostas a mais uma das grandes forças naturais que regem o nosso planeta: o Sol. A partir do grande fluxo de energia que vinha dele as complexas moléculas de aminoácidos, enzimas e proteínas passaram a se juntar em grupos cada vez maiores e, os grupos que eram estruturalmente mais estáveis, passaram a se combinar uns com os outros para formar unidades ainda maiores, e também muito mais complexas, as macromoléculas.

Foram essas moléculas que, reagindo quimicamente, por fim se tornaram unidades integradas. Unidades que foram capazes de se manter em equilíbrio mesmo no ambiente extremamente caótico e turbulento que era a Terra primitiva. Moléculas que acabaram sendo, simplesmente, o despertar da vida orgânica na Terra.

Contudo, de maneira semelhante ao que acontecia no início do Universo, quando a energia destruía as partículas materiais que tinha acabado de criar, as primeiras unidades moleculares vivas também foram aniquiladas logo após terem surgido pois,

semelhante ao universo primordial, o sistema solar ainda se encontrava sob intensa atividade. O processo de condensação de nossa nuvem primordial ainda não tinha se completado e, com isso, a Terra, assim como a maioria dos recém formados corpos celestes do sistema solar, estavam sendo intensamente bombardeados pelos muitos blocos de matéria de nossa nuvem primordial que ainda não tinham encontrado seu lugar.

E, os impactos desses blocos de matéria com a superfície da Terra não apenas transformaram a face do nosso planeta como, também, aniquilaram, inúmeras vezes, a vida que tentava se desenvolver. As recém formadas unidades de macromoléculas eram simplesmente aniquiladas por esses encontros violentos.

Porém, dos muitos tipos de relacionamentos que ocorreram entre as macromoléculas, uma estrutura conseguiu sobreviver a este ambiente que era, ainda, bastante hostil. Foi uma estrutura que não era a mais forte, ou mesmo a mais sólida, ou qualquer uma dessas alternativas unilaterais que, por acaso, o ambiente terrestre tinha gerado.

O tipo de estrutura que conseguiu permanecer foi aquela que ao mesmo tempo era extremamente sólida e ligeiramente frágil. Uma estrutura que, em forma de escada, mantinha na sua direção vertical ligações químicas muito fortes, imunes aos choques térmicos normais, enquanto que seus degraus tinham ligações químicas relativamente fracas. Esta foi a estrutura que, de fato, conseguiu sobreviver pois, tendo esta constituição, este tipo de macromolécula não era destruída pela agitação térmica. Muito pelo contrário, elas se aproveitavam dessa energia para se dividir, verticalmente, em duas outras moléculas que, por sua vez, eram complementares; moléculas que eram capazes de atrair para suas estruturas laterais as partes que lhes faltavam e, dessa maneira, conseguiam recompor a sua estrutura original. Assim elas não apenas permaneciam como, indo muito mais além, produziam duas novas macromoléculas onde antes havia apenas uma. Enfim, ao invés de tentarem ser mais fortes que os meteoros, elas se aproveitavam deles para se reproduzirem.

No entanto, no início, essas cópias eram muito imprecisas e, também, ocorriam de uma maneira totalmente esporádica, ao sabor das catástrofes térmicas. Além disso, essas moléculas tinham que dispor ao seu redor dos elementos adequados para completar, novamente, a sua estrutura original.

Mas isto, então, não era algo difícil de acontecer. Havia uma grande quantidade de moléculas flutuando na superfície dos oceanos. Neste período, a jovem e quente Terra produzia, em sua turbulenta atmosfera, uma grande quantidade desses elementos e os assentava nos seus oceanos.

Entretanto, à medida que o calor da Terra foi diminuindo, diminuíram também as fontes de energia que eram capazes de gerar esses elementos. A síntese de moléculas orgânicas através de descargas elétricas e de erupções vulcânicas não mais era capaz de suprir as necessidades dos primeiros seres vivos da Terra.

Foi quando ocorreu a primeira crise por falta de alimento no nosso planeta. E foi quando também, um dos muitos tipos de organismos que tinham se desenvolvido nesta fase inicial, veio a se destacar dentre os demais.

Algumas das células primitivas, as precursoras de todas as plantas verdes que existem hoje em dia, haviam desenvolvido uma nova forma de obter energia e, também, os componentes básicos necessários para manter e reproduzir sua constituição física. Eram as cianobactérias, as algas azuis esverdeadas que, de posse de uma nova técnica biológica, passaram a fazer uso da luz solar, do gás carbônico e da água para obter a energia e os carboidratos de que necessitavam e que, como um resíduo de sua atividade metabólica, liberavam na atmosfera terrestre o oxigênio, num processo que nós, muito mais tarde, viemos a chamar de fotossíntese.

Assim, usando deste novo processo metabólico, a vida na Terra não apenas conseguiu sobreviver à escassez de alimento que então se aproximava como, indo muito mais além, veio a ser capaz de habitar toda a superfície líquida da Terra.

Ou seja, libertas de sua antiga maneira de viver, na qual tinham uma total dependência em relação à disponibilidade de material orgânico flutuando na superfície dos oceanos, as algas azuis esverdeadas, pelo uso da luz do Sol, se tornaram a primeira espécie global do planeta Terra.

Porém, esta nova habilidade que elas tinham desenvolvido tinha um gravíssimo inconveniente: o processo de fotossíntese gera como resíduo o oxigênio, que é um terrível veneno.

Entretanto, o oxigênio livre por elas produzido aos poucos foi se combinando com os diversos minerais que existiam na superfície do planeta, produzindo óxidos. Assim, enquanto o oxigênio foi sendo absorvido pela crosta terrestre, a vida na Terra permaneceu segura.

Contudo, chegou o momento em que todos os minerais que existiam na superfície da Terra estavam oxidados. A partir daí o oxigênio começou a se acumular na atmosfera, trazendo, mais uma vez, a ameaça de morte, desta vez por envenenamento.

Felizmente, mais esta crise planetária também foi evitada. A atuação da radiação ultravioleta – que é um dos muitos tipos de radiação que compõem a luz solar – fez com que as moléculas de oxigênio passassem a se combinar entre si para formar uma nova molécula, o ozônio, que lentamente, mas de forma segura, veio a se acumular na atmosfera superior, adiando assim, por mais algum tempo, a nova crise que se aproximava.

No entanto, enquanto esses dois processos transcorriam: o de oxidação e o de formação da camada de ozônio, novas formas de vida surgiram no planeta. O dinâmico ambiente terrestre continuou desenvolvendo novas formas de vida até que, uma delas, não apenas conseguiu ser capaz de tolerar o venenoso oxigênio como, indo muito mais além, passou a fazer uso dele para extrair mais energia dos seus alimentos.

Mas, o que foi mais interessante neste então novíssimo processo metabólico, que nós viemos a chamar de respiração, foi que ele gerava como seu principal resíduo justamente o dióxido de carbono, o alimento das algas azuis esverdeadas.

Assim, não apenas a crise por envenenamento por oxigênio foi solucionada como um outro problema, também muito sério, foi resolvido: o da falta de dióxido de carbono para as algas azuis esverdeadas, algo que, mais cedo ou mais tarde, viria a acontecer já que, o suprimento deste gás, vinha diminuindo na mesma proporção em que diminuía a atividade vulcânica da Terra.

Com isso se estabeleceu, pela primeira vez aqui na Terra, um amplo processo de reciclagem: as algas azuis esverdeadas fazendo uso da luz solar para converter gás carbônico e água em carboidratos enquanto expeliam oxigênio como resíduo e, os novos seres vivos, que faziam uso do oxigênio como sua principal fonte de energia, expelindo justamente o dióxido de carbono que, por sua vez, era novamente utilizado pelas algas azuis esverdeadas.

Com este então novíssimo processo metabólico, a respiração, não apenas a reciclagem dos gases atmosféricos foi obtida como um outro processo, que nós muito mais tarde viemos chamar de cadeia alimentar, também se iniciou.

A partir da respiração, que gerava muito mais energia do que era possível através do processo anterior, o da fotossíntese, os novos seres vivos não apenas prosperaram como passaram a se utilizar das algas azuis esverdeadas como sua principal fonte de alimento.

Assim as algas azuis esverdeadas se tornaram a base de uma cadeia alimentar que, com o decorrer da atividade do sempre mutante ambiente terrestre, gerou um novo, amplo e muito diversificado conjunto de interrelações.

E isto foi algo que, muito mais do que solucionar a crise por falta de alimento que se aproximava, veio a inaugurar uma cadeia alimentar que, além de reciclar os resíduos que eram produzidos pelos respectivos metabolismos desses seres, veio a reciclar os elementos de que eram compostos os seus próprios corpos, num tipo de interrelação que, efetivamente, transformou a Terra num ser vivo pleno.

Com isso a Terra, definitivamente, deixou de ser apenas uma rocha inerte vagando pela imensidão do espaço para se tornar um corpo vivo composto por uma enorme variedade de plantas e animais. Um corpo único e indivisível formado por partes quase inertes e por partes extremamente ativas que se complementavam num amplo e intricado processo capaz de não apenas gerar novos organismos vivos e os sustentar como, indo muito mais além, veio a ser capaz de, através de suas inúmeras interrelações, desenvolver um novíssimo tipo de organismo que, com o passar do tempo, veio a se mostrar capaz de, conscientemente, promover a evolução da própria vida na Terra.

Enfim, após o aparecimento das algas azuis esverdeadas, que são as precursoras de todas as plantas verdes que hoje existem na Terra, e do aparecimento dos organismos que são capazes de fazer uso do oxigênio como sua fonte de energia e que, por sua vez, são os precursores da maioria dos animais que hoje vivem sobre a sua superfície, a Terra, finalmente, se estabeleceu como um único ser vivo; um organismo que, no final do século XX, nós novamente viemos a chamar de Gaia.

Um organismo que, ao invés de tentar desesperadamente restaurar a antiga ordem, usou da inventividade para conseguir solucionar os problemas que se aproximavam. Um organismo que, definitivamente, abandonou uma forma de viver que tinha se tornado obsoleta e que, como se fosse uma recompensa por sua incrível criatividade, ganhou um ambiente totalmente novo para prosseguir com o seu processo evolutivo: a superfície seca do planeta Terra.

Sim, um novo ambiente porque, até então, toda a atividade orgânica que ocorria neste planeta se desenvolvia apenas nas suas superfícies líquidas. Mais exatamente, logo abaixo delas. Os seres vivos desta época precisavam de uma película de água para se protegerem dos raios solares pois, apesar da luz do Sol ser fundamental para a sua existência, uma exposição direta a esta energia era letal.

Mas isto mudou quando a Terra, em seu processo evolutivo, formou a camada de ozônio como um subproduto da atividade metabólica das algas azuis esverdeadas. Esta camada passou a filtrar, na alta atmosfera, os raios solares, impedindo com isso que as radiações mais energéticas, como os raios ultravioletas, atingissem de maneira tão intensa a superfície do planeta. Com isso o solo da Terra deixou de ser esterilizado pela intensa luz solar e passou a ser mais um ambiente onde a vida poderia se desenvolver.

E foi exatamente isso o que aconteceu. Muitas novas plantas e animais que, por sua vez, eram desenvolvimentos evolutivos dos seres vivos que, anteriormente, tinham se tornado capazes de utilizar da luz do Sol e do oxigênio como fonte de energia, passaram a habitar este novo ambiente: o solo da Terra.

E tão eficientes eles foram que, há uns duzentos e cinquenta milhões de anos, já tinham transformado o solo da Terra num luxuriante jardim tropical. Por todas as massas de terra do planeta, onde o clima era em geral úmido e suave, extensas florestas vieram a se constituir.

E mais, além de se tornarem habitados por uma vegetação magnífica, os então jovens continentes da Terra também vieram a ser habitados por uma enorme variedade de animais, dentre os quais se destacavam os dinossauros, animais que, por cento e cinquenta milhões de anos, foram os mais admiráveis seres vivos do planeta; seres que usufruíram por tanto tempo do tão sublime jardim que Gaia havia formado que, para nós, este mesmo tempo pode ser considerado como tendo durado uma eternidade.

Mas esses seres, tanto os vegetais como os animais, eram muito variados porque, ao longo de sua evolução, Gaia gerou uma nova forma de relacionamento: o sexo, algo que veio a se mostrar tão útil para a promoção da diversidade das espécies e, portanto, para o desenvolvimento e a evolução da própria vida que, a maioria dos seres vivos que existem hoje em dia são justamente aqueles que dele fazem uso.

E isto porque, com o sexo, passou a acontecer a troca de material genético entre indivíduos de uma mesma espécie, o que resulta numa variação suave das características genéticas dos indivíduos que compõem uma população. Assim, com a variação genética, e ao longo de muitos milhões de anos, Gaia gerou uma imensa diversidade animal e vegetal que, de forma gradual e integrada, veio a habitar toda a sua superfície.

Então, com a existência de uma grande variedade de seres vivos e de um clima que era extremamente agradável, a vida na Terra se tornou um grande prazer que prosseguiu por muitos milhões de anos, com Gaia criando e suprimindo a vida de uma inumerável quantidade de seres que, por sua vez, através de suas inúmeras interrelações, mantinham viva a própria Terra.

E assim foi por muito, muito tempo, até que, infelizmente, mais um meteoro, como aqueles que caíam aqui no início da vida na Terra, aniquilou a maioria das formas vivas que Gaia havia gerado.

Este meteoro, com mais de dez quilômetros de diâmetro, caiu num lugar que nós atualmente chamamos de Chicxulub, no noroeste da península de Yucatán, México, e, com o seu tremendo impacto, abriu uma cratera com mais de duzentos quilômetros de diâmetro.

E tão violento foi esse impacto que levantou uma imensa nuvem de poeira que envolveu o planeta por vários meses, impedindo a entrada da luz solar na biosfera terrestre. Com isso as plantas deixaram de receber a energia necessária, vinda do Sol, para sintetizar seus nutrientes, o que veio a provocar, por falta de energia, o fenecimento das exuberantes florestas da Terra primitiva e, junto com elas, o fim dos dinossauros que, sem sua principal fonte de nutrientes, simplesmente morreram de fome.

Assim chegou ao fim, após dezenas de milhões de anos, o mais vigoroso ambiente que Gaia jamais gerou. Este portentoso jardim, e a inumerável variedade de animais que o habitavam, foram sumariamente destruídos por uma catástrofe celeste.

Entretanto, apesar da destruição ter sido quase total, a vida na Terra não foi aniquilada. Mais uma vez, Gaia sobreviveu. E isso graças à grande variedade de formas vivas que ela tinha gerado ao longo de sua existência.

Sim, porque apesar de quase todas as formas de vida que existiam aqui na Terra terem sido terminadas, algumas delas, justamente aquelas que até então tinham passado praticamente despercebidas, conseguiram se adaptar e sobreviver à rápida mudança. E entre elas estavam nossos antepassados, pequenos mamíferos extremamente ativos que, se alimentando de carne podre, plantas mortas e tudo mais que conseguissem encontrar, sobreviveram. Para os pequenos mamíferos, e todos os outros muitos seres vivos que necessitavam de pouco alimento para se manterem vivos, a súbita quebra da cadeia alimentar não foi fatal, como foi para os grandes dinossauros.

Assim, após um período extremamente longo de mudanças graduais nas formas de vida que a compunham, Gaia realizou, em resposta à abrupta transformação ocorrida em sua biosfera, uma profunda transformação dessas mesmas formas de vida, de tal forma que, a sua própria existência, mais uma vez, foi preservada, pois ela é mais do que os organismos individuais que a compõem.

Enfim, Gaia, novamente, não apenas se mostrou capaz de se adaptar às mudanças do ambiente como fez surgir em seu seio toda uma nova possibilidade de desenvolvimento pois, com o fim da era dos répteis, veio a se iniciar o período atual onde se destacam, como o grupo de seres vivos onde a evolução passou a atuar de forma mais criativa, os mamíferos.

Sim, de forma mais criativa porque foi entre os mamíferos que, apenas algumas dezenas de milhões de anos mais tarde, surgiu uma espécie que, além de se mostrar capaz de interagir com o ambiente terrestre numa escala global, o fazia de uma maneira que era muito peculiar, ou seja, a partir de escolhas conscientes em relação aos possíveis futuros que a sua mente era capaz de visualizar.

Mas foi um longo caminho até chegarmos a este ponto. No início nós agíamos de um modo que era muito semelhante aos outros animais. Nós então apenas reagíamos ao ambiente sem pensarmos nas consequências de nossas ações.

Porém, com o passar do tempo, nós fomos ampliando cada vez mais as nossas habilidades mentais até que, muito mais do que sermos capazes de nos lembrarmos de eventos que haviam ocorrido no passado, nós nos tornamos capazes de planejar as ações que desejávamos realizar no futuro.

E isto, aliado à nossa crescente habilidade manual, fez com que nós nos tornássemos cada vez mais aptos a sobreviver num ambiente que, por sua própria natureza, prosseguia no seu intenso e contínuo movimento de transformação.

Enfim, foram nossas habilidades manuais e mentais que tornaram possível a nossa sobrevivência. E mais, foi graças a elas que nós conseguimos, mesmo em pequenos e esparsos grupos, nos irradiar por todos os continentes da Terra.

Contudo, meu neto, esta visão do nosso desenvolvimento, e a noção de que somos apenas mais uma das muitas criaturas de Gaia, só se tornou amplamente conhecida no tempo de seu pai, no início do terceiro milênio. Até lá, livros como a *Origem das Espécies* e *As Eras de Gaia* não faziam parte do material que era utilizado nas escolas. O que era apresentado eram versões mais apropriadas, que não questionavam os valores religiosos, e até mesmo morais, das nossas sociedades.

Neste tempo, as palavras de pesquisadores como Charles Darwin, que enfatizava que a nossa espécie tinha surgido na face da Terra sem qualquer intervenção divina, e as de James Lovelock, que apresentava o planeta Terra como sendo um ser vivo, eram dissimuladas para fazer parecer que este tipo de conhecimento, tão significativo, na verdade seria apenas mais um desses muitos conjuntos de informações científicas que em nada poderiam interferir no dia a dia das pessoas do mundo real que, em sendo sensatas, não deveriam perder seu tempo dando atenção a estas delirantes elucubrações dos cientistas.

Com isso informações ainda mais importantes – como o fato de que Gaia nutre todas as espécies que a compõem sem fazer deferência especial para com qualquer uma delas, incluindo aí a nossa própria espécie – não foram divulgadas, fazendo com que os profundos significados e as amplas conseqüências desta percepção não fossem compreendidos por muito, muito tempo.

E isto porque a vida brotando sem a intermediação de um deus todo poderoso que estivesse cuidando de cada detalhe da sua criação interferia nos negócios da Igreja, mais exatamente, em uma de suas principais atividades: o da intermediação dos favores deste mesmo deus entre as suas criaturas.

Porque Deus olhava por toda a Sua divina criação, e em especial pelos seres humanos, criados diretamente por Ele à Sua imagem e semelhança, é que a Igreja podia se apresentar como a instituição que existia para divulgar entre nós os Seus desígnios e mais, para nos informar quais seriam as terríveis conseqüências, as horrendas punições eternas, que nos seriam aplicadas se continuássemos a desobedecê-Lo.

Assim, a Igreja nos dizia que o Seu objetivo para nós aqui na Terra era o de que todos nós, através do sofrimento, nos purificássemos do pecado original que havíamos cometido no Paraíso quando, em franca desobediência a uma determinação Sua, ousamos provar do fruto proibido. De que era devido ao fato de termos desobedecido a uma direta determinação Sua que nós havíamos sido expulsos do Jardim do Éden e, portanto, que nós só poderíamos voltar a desfrutar da Sua companhia após uma vida de estrita obediência aos Seus desígnios.

Enfim, que se fôssemos humildes e seguíssemos todas as Suas divinas determinações, reveladas para todos nós pelos Santos Papas, demonstrando assim que tínhamos aprendido a mais importante de todas as lições, a de obedecer a Ele acima de todas as coisas, nós poderíamos ter, após a nossa morte, a maior de todas as recompensas, o sublime privilégio de poder voltar a conviver com Ele, o Deus Pai Todo Poderoso, numa vida eterna de paz e bem aventurança, lá no Seu Reino.

Entretanto, apesar de credulamente termos passado muitos e muitos séculos acreditando nesta estória, com o florescimento do conhecimento científico, no início do século XXI, nós nos livramos destas mistificações. Nós percebemos que toda esta estória era apenas isto, uma estória que havíamos herdado de uma das muitas tribos nômades que há muito tempo haviam habitado os desertos ao leste do mar Mediterrâneo.

No início do terceiro milênio nós, enfim, tivemos a coragem, e a necessária maturidade, para questionar mitos tão antigos e tão profundamente enraizados em nossas mentes. E isto graças ao esforço coletivo de muitas pessoas que, ao longo dos séculos, se mantiveram comprometidas com a busca da verdade e não com a obtenção de benefícios pessoais. E saiba que eram muitos os benefícios que podiam ser obtidos através da manipulação dos receios de nossas mentes em relação à morte.

Assim, apesar de todas as mistificações e manipulações, nós conseguimos nos libertar dos que usavam de nossos temores em relação ao desconhecido para nos fazer agir de maneira a satisfazer os seus inconfessáveis desejos de poder. Desejos estes que nos eram apresentados travestidos de orientações divinas.

Mas, apesar disto ter acontecido no início do século XXI, o começo desse movimento está no final do século XX, quando muitos cientistas passaram a afirmar abertamente e com firme convicção que, se é que Deus existe, Ele, no início dos tempos, determinou que o Seu universo evoluísse de acordo com um conjunto de forças e, a partir daí, não mais veio a interferir nele para modificar, ou alterar de qualquer maneira que fosse, os futuros desenvolvimentos que viessem a resultar das diversas e inúmeras interações dessas mesmas forças.

E quem afirmava isto era, justamente, Stephen Hawking, que na segunda metade do século XX exercia, na Universidade de Cambridge, a mesma cátedra que antes tinha sido de Isaac Newton. Ele ensinava que o espaço-tempo era finito mas sem limites, ou melhor, que o Universo não tinha tido um começo e que, também, não teria um fim, que ele simplesmente era.

O que Hawking apresentava era um universo autocontido, que se renovava ao final de cada um dos seus longos ciclos de expansão-contracção. Um universo que prescindia do momento da criação divina.

Mas um dos fatos mais curiosos a respeito dessa teoria é que ela, tendo sido debatida em muitos congressos, acabou sendo apresentada inclusive numa conferência sobre cosmologia que ocorreu no Vaticano em 1981, organizada por padres jesuítas, e que teve, no final, todos os cientistas participantes reunidos em uma audiência com Sua Santidade. Nesta audiência, que foi muito solene, Sua Santidade fez questão de enfatizar que não via qualquer problema em que se realizassem estudos sobre a evolução do Universo depois da grande explosão mas que, os cientistas, não deveriam questionar a grande explosão em si pois, este fora, o momento da Criação e, portanto, o trabalho de Deus.

Por outro lado Hawking, que foi um dos palestrantes deste encontro, veio a comentar em seu livro, *Uma Breve História do Tempo*, publicado em 1988, que se sentiu contente de que o Papa desconhecesse o tema da palestra que ele tinha acabado de proferir, pois nela ele tinha apresentado uma cosmogénia que prescindia de um Criador. E, de uma maneira jocosa, ele complementa que não tinha qualquer desejo de compartilhar do mesmo destino de Galileu Galilei – com quem sentia uma forte afinidade, em parte devido à coincidência de ter vindo para este mundo exatamente trezentos anos depois de sua morte – por defender uma idéia que estava em desacordo com uma verdade revelada por Sua Santidade.

Assim, numa época diferente da de Darwin e Huxley, os cientistas não mais estavam sequer se dando ao trabalho de tentar responder aos impertinentes questionamentos da Igreja. E mais, da mesma maneira que Galileu havia feito antes, eles outra vez estavam escrevendo para nós, o público leigo, para que, novamente, nós pudéssemos vir a compartilhar dos seus mais recentes desenvolvimentos.

Mas você tem toda razão. É realmente estarrecedor que mais de trezentos anos após Galileu Galilei nós, habitantes do novo continente, ainda déssemos alguma atenção aos ensinamentos dogmáticos da Igreja. Contudo, era isto mesmo que acontecia. As mistificações da Igreja, em pleno século XX, ainda eram tão poderosas e inquestionáveis aqui quanto haviam sido no velho continente quinhentos anos antes.

Mas, de forma semelhante ao que ocorreu no Renascimento, nós, assim como a maioria dos povos do mundo ocidental, no final do século XX, voltamos a questionar os dogmas da Igreja, pois novamente a Ciência estava nos mostrando que as crenças defendidas pela Igreja não tinham qualquer respaldo no real.

Assim, de uma maneira muito semelhante ao que aconteceu na Europa quinhentos anos antes, nós começamos a desconfiar e a desacreditar, e mais, a rejeitar, as idéias e determinações que, até então, tinham conseguido prevalecer fundamentadas apenas no prestígio e na autoridade do clero romano.

Com isso as religiões protestantes começaram a crescer aqui, em número de fiéis, como nunca havia acontecido antes. Mas, por outro lado, cresceu ainda mais o número de pessoas que passaram a declarar que não pertenciam a qualquer instituição religiosa pois, agora, elas estavam procurando a Luz em seus próprios corações e não em algum lugar fora dele.

E mais, a maioria de nós passou a admitir abertamente que participava das mais diversas formas de culto religioso, mas sem se ater dogmaticamente a qualquer um deles. Foi quando nós passamos a louvar a Luz onde quer que ela estivesse, sem mais nos importarmos com qual fosse a sua denominação. Foi o início, finalmente, de uma convivência pacífica entre as mais diversas tradições religiosas; o fim das matanças em nome de Deus que, anteriormente, tão profundamente tinham marcado a história da humanidade e que, através do nosso sincretismo religioso, por fim encontravam a sua redenção.

Foi quando se iniciou o reinado da paz e da prosperidade entre os homens de boa vontade ou, como vocês preferem, o

despertar da consciência humana.

Mas eu posso começar a te explicar melhor este grande momento, esta nossa significativa mudança de atitude em relação à maneira de lidarmos com que as nossas diversas abordagens das questões de cunho religioso, a partir da análise de uma das lendas dos antigos povos do continente ocidental.

É que eu gosto muito de uma estória do povo Navajo que conta como as estrelas foram colocadas no céu pela Primeira Mulher e pelo Primeiro Homem. Nesta antiga lenda é dito que eles, na tentativa de deixar para o Primeiro Povo ensinamentos que lhes fossem úteis, escolheram escrevê-los no céu, pois viram que se o fizessem na areia ou na água, estes teriam desaparecido antes que pudessem ser lidos e estudados. Assim, eles estenderam no chão um grande cobertor que continha todas as estrelas e começaram a por, uma por uma, as estrelas em seu devido lugar no céu, de onde elas então poderiam ser vistas e estudadas por todos.

Mas um coioote, vendo este enorme e demorado trabalho de colocar cada estrela no céu, resolveu ajudá-los. Ele pegou um dos cantos do cobertor com seus dentes e o sacudiu, jogando no céu, de uma só vez, todas as estrelas que ainda faltavam.

Por isso, ensinavam os Navajos, era que as estrelas tinham um arranjo tão confuso no céu.

Entretanto, os Navajos não acreditavam que, na realidade, a Primeira Mulher e o Primeiro Homem, e um coioote, tivessem colocado as estrelas no céu. Isto era apenas uma maneira que eles tinham encontrado para ilustrar o fato de que algumas estrelas – as que tinham sido posicionadas no céu pela Primeira Mulher e pelo Primeiro Homem – nos informavam de coisas importantes, como a direção norte, enquanto que a maioria – as que tinham sido espalhadas aleatoriamente pelo coioote – não tinham qualquer significado. Por ser um povo sadio, no qual sua tradição ainda era viva e não apenas um amontoado de palavras mortas, é que eles sabiam que esta lenda era apenas isto, uma lenda, e não uma verdade factual.

E é exatamente aí que residia uma diferença fundamental entre o modo de ser dos povos do novo continente e os do velho. Aqui nós não tentávamos impor aos outros, a ferro e fogo, a nossa maneira de perceber a realidade, como fizeram os conquistadores. Eles, vindos da velha Europa, da terra que eles mesmos tinham devastado, não fizeram o menor esforço para tentar compreender as diferentes culturas com as quais estavam entrando em contato e, com sua absoluta estupidez, simplesmente as exterminaram.

E isto porque eles, estes estúpidos assassinos, orientados por seus padres, justamente aqueles de Portugal e Espanha, onde a Contra Reforma havia sido totalmente vitoriosa através de um domínio imposto pelo mais ignóbil terror, tinham sido levados a acreditar numa suposta verdade literal contida nas Sagradas Escrituras e mais, que era seu dever sagrado ajudar os padres a converter todos os habitantes deste novo continente à única verdade: aquela que emanava da Sacrossanta Igreja de Roma.

Assim, por causa das interpretações dos Santos Papas, nós fomos forçados a acreditar que, de fato, o Universo havia sido criado em seis dias e que, no sétimo, Deus havia descansado.

E mais, que Deus, pessoalmente, havia criado o Homem à Sua imagem e semelhança, e que, portanto, este era superior a toda a Criação, inclusive à mulher, que havia sido criada depois, e apenas para fazer companhia ao Homem.

Enfim, em sua presunção, os Santos Papas e seus absurdos teólogos não conseguiam ver que esta estória de um universo criado ao longo de vários dias significava que este não havia sido criado de uma só vez, mas ao longo do tempo, o que é bem verdade. E mais, que nós termos sido criados no último dia era uma indicação de que somos uma espécie recente na Terra.

Além disso, os preconceitos dos Papas os impediam de ver que, esta estória da mulher ter sido criada a partir do homem, na verdade era uma indicação de que partilhamos da mesma composição e, portanto, somos iguais. E mais, que nós, por sermos semelhantes a Deus, também somos capazes de criar.

Assim, o clero romano, por ser herdeiro de meras palavras e não de um saber vivo, ficava doentamente repetindo as suas verdades. E mais, na maioria das vezes, as distorcia para ter como conseguir satisfazer os seus inconfessáveis interesses. E isto quando não faziam pior pois, muitas vezes, elevaram ao grau de dogma sagrado a demência de alguns dos seus padres.

Foi exatamente isto que aconteceu no século V quando, um homem psiquicamente perturbado, Santo Agostinho, igualou o prazer sexual à perdição e teve, por intermédio dos Papas, sua mentalidade doentia incorporada aos ensinamentos de Jesus.

Mas este não foi apenas um caso de demência. Foi mais um caso em que a distorção dos ensinamentos de Jesus veio a ser necessária para que, todos os ensinamentos deste homem, um santo, pudessem vir a ser tidos como verdadeiros e corretos já que, ele sim, falava de coisas que interessavam à Igreja.

É que Santo Agostinho, por retratar a humanidade como perdida, rebaixada por causa dos baixos instintos que tinham levado Adão e Eva a pecar, pregava ser totalmente necessário que nós, também pecadores porque somos seus descendentes, tivéssemos alguém que nos orientasse e mais, alguém que nos controlasse, apregoando assim um governo imperial.

Mais precisamente, Santo Agostinho preconizava uma livre escravidão: a Deus em primeiro lugar e, em segundo lugar, ao seu agente aqui na Terra, o Imperador.

Porém, mais do que facilitar uma aproximação entre a Igreja e os líderes do Império Romano, este tipo de raciocínio foi o início de um caminho que, mais tarde, acabou resultando no absolutismo dos Santos Papas, algo que acabou acontecendo no século XIII quando a então já toda poderosa Igreja de Roma encontrou São Tomás de Aquino, alguém que, mais do que aprovar as idéias de Santo Agostinho, elevava os ensinamentos de Aristóteles, principalmente os que faziam referência a uma superioridade natural de alguns sobre a maioria, como sendo um dos mais profundos e verdadeiros contidos nas doutrinas da antiga Grécia.

Assim, a partir da mentalidade de homens desse tipo, os santos, que viveram num período da história apropriadamente denominado de Idade das Trevas, é que foi formada a maneira de pensar que predominou, ao longo de séculos, até o final do século XX.

E foi também por intermédio dessas pessoas que, a história de Jesus, foi tão absurdamente deturpada. E isto para atender aos muitos e mais variados interesses do clero romano, desde São Pedro até o último dos Santos Papas, passando inclusive pelos evangelistas.

No caso dos evangelistas, eles acharam que deviam dar uma maior magnitude à pessoa de Jesus, pois eles não acreditavam que a história da vida do filho do carpinteiro José pudesse vir a ser lembrada pelos séculos afora. Eles, não vendo a grandeza contida na forma que Jesus escolheu para conduzir sua vida, acrescentaram, por conta própria, uma enorme quantidade de narrativas fantasiosas para que, assim, conseguissem fazer do seu deus não apenas o mais grandioso e poderoso de todos mas, também, o único deus verdadeiro.

Para isso eles transformaram a história da vida de Jesus na narrativa da passagem, aqui pela Terra, do próprio filho de Deus. Mais exatamente, na passagem do único filho de Deus, que não teria nascido da vontade da carne ou da vontade do homem, mas sim, da vontade de Deus, que teria agido sobre a virgem Maria para que esta viesse a gerar o Seu filho.

Com isso a mulher, que já era considerada um ser inferior, passou a ter que carregar mais este fardo: o de que a única mulher realmente perfeita havia sido Maria, aquela santa que havia concebido sem um encontro carnal, significando que este, o desejo sexual, era um inimigo que deveria ser combatido no caminho que levava a Deus.

Enfim, os evangelistas, ao exaltar a mãe do filho de Deus, de fato iniciaram um terrorismo sexual que não apenas esmagou a dignidade feminina como acabou levando à transformação dos membros do clero romano em implacáveis fiscais de alcova.

Sim, pois os livros da Idade Média que listavam os pecados, e suas respectivas penas, estabeleciam punições maiores para o que era então considerado desvio sexual do que, por exemplo, para o assassinato.

Mas um exemplo melhor está, novamente, nos ensinamentos de São Tomás de Aquino. Ele dizia que as pessoas que fossem celibatárias teriam uma recompensa total no Reino dos Céus, enquanto que os viúvos e as viúvas teriam uma recompensa menor, de apenas dois terços. E que, as pessoas casadas, teriam apenas um terço das bem aventuranças celestiais.

Contudo, para que você realmente consiga ter uma idéia do que se passava na mente desses homens santos, é preciso que você conheça uma das muitas teses de Aristóteles que, também, foi retomada por São Tomas de Aquino. Ele ensinava que o sêmen, ao sair do homem, tinha por objetivo reproduzir algo igualmente perfeito, ou seja, outro homem, e que, portanto, era devido a algumas circunstâncias desfavoráveis que ocorria o nascimento de uma mulher.

Porém, estas e muitas outras histórias não teriam passado de meras fantasias de coitados dementes se elas não tivessem sido incorporadas aos dogmas morais da Santa Igreja de Roma, uma Igreja que estava se espalhando por todos os continentes e que, piamente, acreditava ser seu dever impor, usando de todos os meios que estivessem ao seu alcance, a sua interpretação literal dos Evangelhos Sagrados, assim como os seus valores morais. E isto a todos, indiscriminadamente.

Por isso, logo após a chegada dos conquistadores, com toda a sua ganância e selvageria, aqui chegaram também os malditos padres, para cumprir com sua obrigação de levar a todos a sua verdade; para nos ensinar a adorar o seu deus que, eles diziam, era o único deus verdadeiro. E para fazer isso eles nos levavam, a força se necessário, às suas recém construídas Igrejas, onde nos ensinavam que era errado reverenciar a Floresta, o Sol e a Lua; que deveríamos abandonar nossos cultos pagãos e passar a ver o mundo da maneira deles.

Mas, principalmente, eles nos mostravam a imagem de um homem ensangüentado pregado a uma cruz. E nos contavam, com todos os detalhes, como seu povo era capaz de torturar um ente humano.

Assim, após tão esclarecedor ensinamento, nós víamos que não tínhamos escolha: se não adotássemos a religião deles e, também, a maneira deles de perceber o mundo, nós seríamos mortos. E de fato fomos, aos milhares, mesmo entre aqueles que se converteram à religião deles pois, depois de sermos batizados, nos era imposta uma vida de absoluta escravidão, algo que, para nós, não era aceitável: preferíamos a morte.

Com isso apenas aqueles que adotaram a religião da dor e do sofrimento, e que aceitaram ser escravos, sobreviveram. Foi assim conosco, os nativos do continente ocidental e, também, com os muitos homens, mulheres e crianças que, mais tarde, foram trazidos para cá, à força, vindos do continente africano.

Já os portugueses, que para aqui também vieram em grande número, vieram para serem nossos senhores. Vieram para nos fazer extrair da floresta, e também do solo, todas as coisas que eles precisavam para saciar sua infinita ganância.

E, por todo nosso trabalho, o que eles nos davam em troca eram condições de vida miseráveis e, é claro, o conforto das palavras divinas. Palavras que nos diziam que, para sermos redimidos dos nossos muitos pecados, nós deveríamos levar uma vida despojada de bens materiais e em estrita obediência a eles, os nobres representantes da coroa portuguesa e, acima de tudo, aos padres, os representantes de Deus aqui na Terra.

Foi assim, então, o início da nova vida, civilizada, aqui na Terra Brasil. Nós, os seres inferiores, os ignorantes como eles diziam, realizando todo o trabalho, enquanto eles, os seres superiores, os supostamente mais esclarecidos, ficavam apenas se refestelando no luxo.

E assim prosseguiu, por cinco séculos, nossa nova vida, pois todas as mudanças sociais que aqui ocorreram sempre foram feitas com o propósito de aprimorar este estado, aristotélico.

Mas eu estou lhe falando de fatos que ocorreram em um tempo que, para você, está muito distante, porque esta não é a primeira vez que você me pergunta sobre como foi aqui, na Terra Brasil, o despertar do terceiro milênio. E, nas outras vezes que nós estivemos conversando sobre isto, sobre como foi no início, eu pude perceber que sua pergunta acabou não encontrando resposta. Só agora eu consegui perceber que para você parecia natural que o desenlace das crises do século XX tivesse sido este, uma sociedade pacífica e próspera já que, as outras alternativas que tínhamos para o nosso futuro, na sua maioria, apontavam para novos períodos de guerra e miséria. Você não consegue imaginar que poderíamos ter sido capazes de optar por mais um longo e tenebroso período de morte e destruição tendo, bem ao nosso alcance, a possibilidade de um futuro em harmonia com as forças da vida.

Contudo, não foi assim que aconteceu. Nós então ainda não tínhamos percebido que era a nossa própria maneira de ver o mundo que determinava o nosso futuro; que éramos nós mesmos, mais exatamente a nossa própria mentalidade, a principal responsável pelo deplorável estado social em que nos encontrávamos, pois já então tínhamos um tão formidável domínio tecnológico que, se tivéssemos desejado, poderíamos ter, sem muita dificuldade, produzido alimentos, construído moradias e fabricado todo e qualquer tipo de produto de que necessitássemos em quantidade mais que suficiente para todos.

Mas nós escolhíamos não fazer isso. Divididos em seres superiores e inferiores, como se não fôssemos parte de um único e indivisível corpo planetário, nós nos matávamos aos milhões, sem a menor consciência de que, a cada tão insana matança, nós estávamos destruindo partes do nosso próprio corpo. Nós então destruíamos partes do nosso próprio corpo pensando que eram de algum outro ser. Em pleno século XX nós ainda achávamos que era natural, e portanto correto, realizar limpezas étnicas e praticar a exclusão racial, assim como permitir a existência de imensas desigualdades sociais.

E tudo isso fruto de uma maneira doentia de ver o mundo que, por sua vez, era cultivada pelas elites das nações mais poderosas do planeta. Uma mentalidade que, em nome da tradição, era mantida sem qualquer tipo de alteração apesar de, desde o início do século XX, essas mesmas elites saberem que era possível sim mudar nossas formas de relacionamento para criar sociedades que fossem mais humanas e prósperas para todos.

Mas, neste tempo, o poderoso Império Britânico nem sequer cogitava a possibilidade de vir a deixar de impor seu domínio colonial sobre grande parte das nações deste planeta. E mais, contrariando suas próprias leis, os ingleses não praticavam a igualdade social e, muito menos, a igualdade racial entre os membros de sua comunidade. Eles simplesmente exploravam suas colônias da mesma maneira que faziam outros de seus irmãos europeus, dentre os quais se destacavam, pelo seu ardor colonizador, os franceses e os alemães.

No século XX apenas uma, dentre as nações mais poderosas do planeta, efetivamente realizou esforços no sentido de tentar obter uma sociedade próspera para todos. E isso sem cercear a liberdade individual de seus cidadãos. Foi o Estados Unidos da América.

Entretanto, este admirável esforço teve uma curta duração, pouco mais de uma década, entre 1933 e 1945, quando Franklin Roosevelt ocupou a presidência dos EUA.

Mas mesmo neste curto período ele conseguiu mostrar que era possível sim construir uma nação próspera a partir de uma nova mentalidade, com ênfase na solidariedade social.

E para isso ele transformou o Estado no principal agente de promoção do bem estar social; que servia ao povo em vez de explorá-lo; que protegia e abrigava ao invés de excluir. Um Estado que, através de amplas medidas assistenciais, gerava as condições essenciais para que aqueles que, por alguma razão, não estivessem em condições de atuar de uma maneira plena na sociedade, pudessem, o mais cedo possível, voltar a fazê-lo.

Mas, como eu te disse, isso foi uma exceção. A maioria dos governantes daquele tempo possuía outra mentalidade. Eram mais como Mao Tse Tung, que acreditava que para construir o novo era necessário, antes de mais nada, destruir totalmente o antigo modo de vida. Os revolucionários daquele tempo ainda não compreendiam o conceito de transformação. Tudo que eles sabiam era como se aproveitar dos ódios e rancores do povo em relação aos seus governantes para criar tropas de destruição. E sim, eles também sabiam como, no final de cada estúpida matança, estabelecer novamente a velha ordem. Só que com eles, os líderes revolucionários, como os novos governantes.

Foi assim na China de Mao Tse Tung. Ele foi apenas mais um imperador, despótico e sanguinário, que por algum tempo dominou a região central da Ásia. E foi assim também com o Império Soviético, onde os seus Primeiros Ministros eram, de fato, os velhos Tsares, só que com novos nomes.

Nestes dois lugares, instigado e comandado por líderes revolucionários, o povo deu vazão aos seus ressentimentos e matou seus antigos senhores. Porém, a prosperidade que logo em seguida viria, nunca chegou. A situação do povo, como sempre, continuou inalterada. Foi apenas mais uma mudança de grupo político. Novos governantes que, igual aos anteriores, tinham a sua própria longa lista de dificuldades que, como eles diziam, impediam a concretização da nova ordem.

E foi assim também nos EUA, quando a Segunda Guerra Mundial terminou. Esta guerra, que então era conhecida como a Guerra pela Democracia, tinha sido lutada para que todos os povos do mundo pudessem viver em paz e liberdade, sem o terror totalitário de um império nazista ou nipônico. Porém, os novos líderes que assumiram o governo americano após a morte de Roosevelt apresentaram uma nova e infundável série de problemas que impediam o pronto estabelecimento da paz mundial. Agora era necessário lutar contra um novo inimigo: o perigo comunista, o que, por sua vez, acabou nos levando de volta a um novo Estado imperial.

Assim, por mais cinqüenta anos, prosseguimos lutando e matando pela paz que, um dia, haveria de chegar. Mais uma vez os nossos líderes tinham nos convencido de que apenas a guerra poderia garantir a paz.

E o povo americano, apesar de ter bem mais de cem anos de governos democráticos, não conseguiu perceber que estava sendo induzido a acreditar numa mentira. A guerra, mesmo que fria, não era a maneira mais apropriada de se relacionar com o Estado Soviético. Apoiar as nações que por sua própria vontade escolhessem o sistema democrático de governo teria sido, como você agora sabe, a abordagem mais adequada.

Porém, esta alternativa só foi tentada cinqüenta anos mais tarde quando, finalmente, o povo americano percebeu que se continuasse sendo governado pelos industriais que fabricavam armas perderiam seu lugar de destaque no cenário mundial e se tornariam apenas mais um dos ultrapassados e degenerados senhores da guerra, como foi o caso do Império Soviético que, como seu maior legado, nos deixou uma imensa quantidade de material radioativo espalhado pelo mundo, não só na forma de lixo tóxico mas, principalmente, na forma de armas nucleares nas mãos dos mais alucinados terroristas.

E vem daí o porquê de seu pai não gostar tanto assim das histórias do século XX. Foi a geração dele que teve de limpar, e depois curar, o corpo planetário dos danos causados pelas nossas tão insanas ações. Ele, acertadamente, atribui à nossa inconseqüência e falta de maturidade não apenas a perda irreparável de uma imensa riqueza natural como, também, a enorme quantidade de tempo que veio a ser consumido no esforço de recuperação do equilíbrio vital do planeta.

Por isso muito me alegra saber que a sua geração, agora vivendo num mundo em harmonia, se interessa em saber como nós iniciamos esta passagem da adolescência para a maturidade. Sim, porque foi exatamente isso que aconteceu: a passagem da força e inconseqüência da adolescência para o vigor e a maturidade de jovens adultos.

Mas, como toda passagem, esta também foi difícil. E apesar de seu pai não gostar muito do modo de vida do século XX, ele, e muitos da geração dele, rendem respeito ao nosso feito, pois apesar desta transformação já poder ter sido realizada muito tempo antes, fomos nós que, de fato, conseguimos fazê-la.

E nós, aqui na Terra Brasil, tivemos uma participação muito significativa nesta transformação, principalmente nas questões relacionadas ao desenvolvimento espiritual de nossa espécie. Fomos nós que efetivamente mostramos que era possível sim a convivência pacífica entre pessoas que tinham diferentes visões de mundo.

Entretanto, para conseguirmos chegar a este ponto, tivemos que ultrapassar grandes dificuldades. Mas não as dificuldades tradicionais. Esta mudança não foi mais um surto de ódio e rancor. Por ser uma transformação que tinha como sua marca distinta uma nova maneira de perceber o mundo, e não mais um inimigo a ser combatido, foram novos os desafios.

E entre estes estava, em destaque, lidar com a incapacidade que muitas pessoas tinham de aceitar o fato de que, diferentes pessoas, têm diferentes maneiras de ver o mundo. E que, sendo assim, não se podia querer que todos nós tivéssemos um único e igual modo de proceder; que nós teríamos que aprender a conviver com a nossa própria diversidade.

Então, abordando esta questão abertamente e com clareza, não mais a escondendo como se ela não existisse, foi que nós, aqui no Brasil, viemos a estabelecer os conceitos fundamentais de um novo tipo de Estado democrático. Tendo a questão da diversidade em mente, nós estabelecemos que nosso governo não mais seria a ditadura de uma maioria política que, como nós muito bem sabíamos era sempre circunstancial e efêmera, mas o respeito a todas as minorias que sempre são muitas e duradouras. Um Estado que serviria e protegeria a todos, ao invés de tentar impor uma maneira supostamente superior.

Porém, quando isto foi proposto pela primeira vez, muitos vieram a considerar esta a pior das heresias, pois não mais era

um Estado que abrigava e protegia em nome de Deus e sim um que prestava bons serviços públicos de saúde e educação a todos os cidadãos por respeito a fraternidade humana. Um Estado que, tendo sido fundamentado na paz e na liberdade, fazia uso desses conceitos para guiar o rumo de suas ações: um Estado que respeitava a todos, uma nação democrática.

E este sim, era o tipo de idéia que realmente inquietava, pois se referia a algo que até então não tinha acontecido aqui na Terra Brasil.

Contudo, o que mais gerou controvérsia foi o grande número de pessoas que passou a declarar abertamente, e com veemência, que não mais queria a participação dos membros da Igreja de Roma nas reuniões de gabinete do Estado brasileiro. Isto sim provocou uma grande polêmica pois contrariava, e muito, os clérigos que, desde a conquista da Terra Brasil, sempre tinham conseguido ter uma enorme influência sobre os nossos destinos através de suas intervenções na cúpula do governo brasileiro.

Entretanto, a Igreja já vinha, há muito tempo, perdendo o seu prestígio junto ao povo brasileiro. E isto devido não apenas à sua própria incapacidade para conseguir orientar as pessoas em relação às suas questões espirituais mas, principalmente, devido ao fato dela vir, há muito tempo, se ocupando mais das questões de Estado do que com a fé de seus fiéis.

O resultado disso foi que as pessoas passaram a procurar em outras religiões a orientação espiritual que não obtinham de seus padres, que sempre sabiam qual a causa política que deveria ser abraçada ao invés de saberem orientar as pessoas nas questões que afligiam as suas almas.

E, ao nos relacionarmos com outras religiões, descobrimos que elas também tinham ensinamentos esclarecedores, apesar de não estarem fundamentadas nos mesmos acontecimentos que tinham originado a fé católica; que mesmo não sendo o testemunho evangélico da passagem do próprio filho de Deus aqui pela Terra, elas eram capazes de nos orientar.

Assim, novas idéias passaram a povoar as nossas mentes, o que levou a significativas transformações em nossa maneira de pensar e, conseqüentemente, em nossa maneira de agir.

Entretanto, houve uma idéia em especial que não apenas foi a mais inquietante de todas, como foi a que provocou as mais profundas transformações. Foi a idéia de que Deus, tal como era imaginado até então, simplesmente não existia.

Esta era uma idéia que vinha se espalhando associada aos conceitos que os pesquisadores da mais diversas especialidades científicas tinham desenvolvido e que, no final do século XX, haviam convergindo para uma visão radicalmente distinta de qualquer outra que, até então, tínhamos concebido a respeito de Deus.

Com a ampla divulgação das teorias de Stephen Hawking nós finalmente começamos a superar nossa antiga necessidade mental de termos um Deus Todo Poderoso que cuidava de nós assim como, há pouco mais de um século, com Charles Darwin, nós tínhamos começado a abandonar a idéia de que Deus havia criado o Homem à Sua imagem e semelhança.

Entretanto, naquele tempo, falar de Deus como um conjunto de forças impessoais era algo muito parecido com pronunciar a maior de todas as heresias. Alguém dizer, abertamente, que não acreditava na existência de uma inteligência superior, num governante que regia todo o Universo com a sua Onisciência e Onipotência era, no mínimo, uma atitude socialmente muito inadequada.

Dizer que acreditar num Deus que olhava por cada um de nós para julgar nossa conduta e conceder nossas merecidas recompensas ou devidas punições era algo tão infantil quanto acreditar no bom velhinho que recompensava com presentes cada criança por seu bom comportamento, de fato ofendia as pessoas. Enfim, dizer que acreditar nesse Deus era algo tão infantil quanto acreditar em Papai Noel era, para as pessoas que tinham sido educadas de acordo com a ideologia católica, o mesmo que blasfemar. E isto é algo que não se deve tolerar.

E, num primeiro momento, a maioria das pessoas achou que deveria ser assim mesmo; que não se deveria permitir tamanha profanação. Como crianças que descobrem, ou são informadas por seus irmãos mais velhos, que Papai Noel não existe, elas ficaram muito preocupadas com a possibilidade de que se não mais continuassem fiéis ao bom velhinho, não receberiam os seus tão desejados presentes que, neste caso, por seus grandes esforços no sentido de tentar obedecer aos preceitos emitidos pela Igreja de Roma, seria um só, mas muito valioso: a tão desejada vida eterna de bem aventurança no Reino de Deus.

Assim, com tão valiosa recompensa em jogo, estas crianças acharam que não só poderiam, mas que deveriam, fazer uso de todos os meios de coerção que estivessem ao seu alcance para manter a sua estória infantil como uma verdade inquestionável; que diferentes visões de mundo até poderiam existir, mas as que fossem assim, tão discordantes das suas, católicas, não poderiam ter sua ampla divulgação permitida. E isto em nome da tradição do povo brasileiro.

Mas com o tempo, como acontece com todas as crianças, estas também se desenvolveram e acabaram descobrindo as belezas que sobrexistem ao mito do Papai Noel. E mais, como todas as crianças que descobrem a verdadeira face do bom velhinho, estas também vieram a perceber que apesar de o terem desmascarado não iriam ficar sem seus presentes.

Contudo, o que foi totalmente imprevisto e especialmente singular foi que, com o passar do tempo, a garantia de uma vida eterna passou a chegar até nós como uma consequência dos muitos novos conceitos que estavam sendo desenvolvidos pelos cientistas. Em sua busca por compreender a matéria e suas inúmeras relações, incluindo aí as relações da matéria viva, eles acabaram por desenvolver os conceitos que, mais tarde, nos levaram a mais esta nova e surpreendente evolução do pensamento humano. Na sua tentativa de compreender a matéria viva, os cientistas do século XX começaram a desvendar os mistérios da morte.

Eles então estavam se perguntando se a essência da vida seria a própria estrutura física da molécula DNA, ou algo mais sutil, como a informação que estava associada a esta molécula.

E enquanto alguns diziam que a vida poderia ser definida pelos próprios átomos da molécula DNA, outros sugeriam que a essência da vida era a informação; que a molécula DNA era apenas a forma material desta informação.

Entretanto, os cientistas daquele tempo já estavam libertos da imposição mental de que uma proposição necessariamente excluía a outra. Livres do pensamento excludente e, portanto, mais aptos a lidar com o conceito de complementaridade, eles perceberam que uma proposta não poderia existir sem a outra.

Com uma mudança radical em seu modo de conceituação, eles compreenderam que uma manifestação não poderia existir sem a outra; que a informação, essencialmente imaterial, era necessariamente complementada por seu corpo, material; que a informação, mesmo sendo eterna, sem um corpo material, não era capaz de se manifestar no mundo material.

E que o corpo, mesmo sendo capaz de se expressar aqui, sem a sua informação era finito e simplesmente morria, sem qualquer outra continuação além da que tivesse sido gerada a partir da sua própria composição química.

Eles perceberam que tanto a informação inscrita na dupla hélice da molécula DNA quanto a própria molécula eram duas partes de uma mesma unidade. E que a vida estava contida justamente nesta complementaridade entre o mundo material e o imaterial, sem predomínio ou superioridade de qualquer uma destas partes já que, neste nível fundamental, a fronteira entre a matéria animada e inanimada deixava de existir.

Mas isto foi apenas o início. Este conceito, quando aliado a um artefato muito comum naqueles tempos, o rádio, permitiu que muitas pessoas viessem a compreender que era possível sim a existência de informação sem um corpo material; que isto era algo muito parecido com as ondas eletromagnéticas que nossos tão familiares aparelhos de rádio captavam.

Ou seja, que apesar da informação poder existir assim, em uma forma imaterial, somente quando ela era captada por um aparelho receptor capaz de a transformar numa manifestação material, era que ela conseguia vir a se apresentar aqui, neste mundo.

Assim, tendo familiaridade com aparelhos receptores, nós começamos a perceber que era exatamente isto que os nossos corpos faziam: que cada um de nós captava uma informação ou, como vocês preferem dizer, uma forma-pensamento. Uma entidade que os mais antigos preferem chamar de alma e que, em conjunto com o corpo, forma uma unidade viva.

Mas sim, eu sei que para você isto é um conceito básico. Entretanto, para mim, isto foi uma descoberta surpreendente. Naqueles tempos, quando se falava em entrar em contato com estas informações, armazenadas por assim dizer, em um meio imaterial, falava-se em ser possuído. E isto é muito diferente do que vocês fazem hoje em dia quando, com naturalidade, vocês dizem que vão se conectar.

Mas, até o final do século XX, quando alguém entrava em contato com o mundo espiritual, pensava que estava sendo possuído por uma entidade quando, como você sabe muito bem, ninguém pode ser inadvertidamente possuído por uma forma-pensamento; que ao contrário disso, é imprescindível que esta seja muito especificamente convidada. E mais, vocês agora também sabem que é este convite, esta invocação, que determina se o encontro será com a mais transcendente forma-pensamento ou com o mais primitivo dos desejos.

Enfim, muitos de nós achávamos que quando entrávamos em contato com o mundo espiritual sempre estávamos tendo uma real oportunidade para alcançar seres da mais elevada mentalidade. E que estes, por sua vez, estavam ali para nos guiar.

Porém, na maioria das vezes, nós entrávamos em contato com os outros seres que estavam sintonizados nos mesmos pensamentos que nós, nem mais nem menos.

Nós então ainda não sabíamos que, quando estávamos interagindo no plano espiritual, as nossas conexões sempre ocorreriam em uma precisa correspondência com as nossas próprias características; que havia uma exata sintonia entre os nossos próprios pensamentos e o dos outros seres com os quais interagíamos.

Mas sim, eu sei que isto é um fato fundamental. Contudo, naquele tempo, isto não era algo tão amplamente conhecido. A maioria de nós ainda tinha sua percepção obscurecida por ensinamentos que afirmavam que, se fôssemos perdoados por Deus, Ele pessoalmente viria para nos elevar aos mais altos planos espirituais, algo que, você agora sabe, não é verdade.

Mas nós, então, ainda não sabíamos que ninguém podia fazer isto por nós; que somos nós mesmos que determinamos o nosso futuro; que ao longo de nossas vidas, pela maneira como agimos, nós geramos nossa própria forma-pensamento; uma sintonia que, em última instância, determina os nossos futuros: com quais entidades as nossas almas serão capazes de interagir quando não mais estiverem aqui, neste mundo.

Contudo, e isto foi algo muito interessante, é que passado o primeiro momento de estranheza em relação a esta idéia, as pessoas começaram a perceber que era exatamente assim que acontecia. Como se dizia então, você colhe aquilo que planta, nem mais nem menos.

Esta foi a percepção que fez com que nós começássemos a ver que aqueles que se diziam capazes de interferir neste processo, aqueles que diziam que além de terem este poder tinham a sagrada incumbência de intermediar os favores de Deus aqui na Terra, na verdade não tinham este poder.

E mais, com esta percepção nós também viemos a entender porque Jesus havia enfatizado tanto o arrependimento, muito mais do que a punição, que era tão comum em seu tempo. Ele sabia que o arrependimento era o tipo de atitude mental que efetivamente conseguia levar as pessoas a serem capazes de transformar sua sintonia.

Ele ensinava que nosso modo de atuar no mundo material era o que determinaria a nossa forma-pensamento; que seria nossa maneira de agir neste mundo que determinaria a nossa vida após a morte, nossa existência no mundo espiritual.

Entretanto, Jesus havia falado como se realmente existisse um Deus que julgava cada um de nós por nossas ações porque ele estava imerso na cultura milenar de seu povo; uma cultura que tinha na justiça divina um de seus conceitos fundamentais.

Portanto, naquele momento, foi impossível avançar ao ponto de falar de Deus como uma energia impessoal. E, muito menos, de um Universo sem um senhor supremo.

Mas, mesmo assim, se aqueles que viviam na palestina ocupada pelas tropas do Império Romano tivessem aprendido a prestar mais atenção em seus próprios erros do que nos dos seus irmãos; se tivessem se ocupado mais em tentar ser entes humanos melhores do que em ficar querendo punir aqueles que tinham pecado, isto já teria sido um enorme avanço para eles.

E Jesus sabia muito bem disso. Mas ele não foi ouvido. Assim, coube a nós, bem mais tarde, presenciar o resultado desta escolha feita pelo clero judeu em conformidade com o modo do Império Romano: a continuação do sofrimento de milhões de seres humanos nas intermináveis guerras entre os povos das terras do mar mediterrâneo.

Porém, aqui no novo continente, nós ainda mantínhamos a esperança de que um dia nós não mais iríamos nos matar por divergências religiosas; que aqui haveria de ser possível a convivência pacífica entre as várias tradições religiosas.

Então, apesar de muitos séculos terem se passado antes que isto realmente fosse possível, foi aqui, nesta nação que é a mistura de todas as raças e religiões, que isto aconteceu. Foi aqui, no novo continente, que a liberdade religiosa pode ser plenamente vivenciada. Foi aqui que o respeito por todos os seres humanos finalmente pode vir a se estabelecer como um princípio fundamental.

E esta liberdade religiosa acabou sendo nossa característica mais marcante. Um povo que compartilhava o saber espiritual dos nativos do continente ocidental e do africano, dos judeus e dos cristãos, dos muçulmanos e dos hindus, dos budistas e, também, do saber que, ao longo de muitos séculos, havia sido obtido a partir da utilização do método científico.

Mas o resultado mais surpreendente desta combinação de culturas foi que nós percebemos que deus — aquele que cuidava de cada um de nós pessoalmente — simplesmente não existia; que isto era apenas mais uma das primitivas necessidades dos nossos cérebros; que era possível sim uma existência após a morte sem que, para isto, tivéssemos que ter um deus.

E isto foi, mesmo no final do século XX, uma idéia realmente surpreendente. Mais do que isso, foi uma proposição que só poderia ter sido desenvolvida aqui, no mundo ocidental, pois a maior parte das outras sociedades deste planeta ainda se encontravam totalmente atadas às antigas formas de pensar.

Assim, foi aqui, no ocidente, com sua diversidade humana e ampla liberdade de expressão, que esta idéia pode vir a ser desenvolvida e mais, pode ser divulgada.

E isto porque, em qualquer outra parte do mundo, quando alguém contestava a existência de Deus, também se sentia obrigado a repudiar a existência de todo o plano espiritual. Por outro lado, quando alguém afirmava que Deus existia, se sentia obrigado a defender não apenas a existência das almas mas, também, a de um Céu e de um Inferno. Naquele tempo, estas eram as duas únicas alternativas.

Portanto, só no final do século XX se tornou admissível, e mesmo assim apenas como uma proposta, a idéia de que poderíamos ter uma alma sem que para isto fosse necessário a existência de um deus que, no início, havia criado nossas almas. Só então veio a ser tolerada a noção de que nós não éramos seres divinos que, decaídos, tínhamos que nos redimir dos nossos pecados para poder ter permissão para voltar a viver no Reino dos Céus.

Mas como eu estava lhe dizendo, com o passar do tempo, nós nos desenvolvemos e, no início do século XXI, percebemos que a nossa alma era uma evolução da nossa própria mente; que nossa consciência extracorpórea era uma manifestação da nossa própria evolução; que a alma não era um dom concedido por um ser superior mas um dos muitos desenvolvimentos da vida na Terra.

Enfim que tinha sido a ação de forças impessoais, intrínsecas ao Universo, que tinham gerado a matéria, os corpos celestes, a vida na Terra e, também, a vida consciente. E que esta, por sua vez, estava evoluindo em direção a uma existência consciente extracorpórea.

Enfim, no final do século XX, começou a desmistificação da nossa alma como antes, de maneira muito semelhante, havia ocorrido a desmistificação dos céus por Galileu, e a da nossa própria espécie, por Darwin. Nós começamos a perceber que, em meio à intensa atividade deste planeta, nossa espécie havia evoluído ao ponto de ser capaz de gerar formas-pensamento que conseguiam existir além de seu corpo material.

E, mais uma vez, o que ajudou a tornar esta idéia familiar para milhões de pessoas, foi outra de nossas muitas criações científico-tecnológicas; a ferramenta que nós chamávamos de computador.

Com os computadores, que de maneira muito apropriada nós, no início, chamávamos de cérebros eletrônicos, se tornou possível a percepção de que o plano espiritual era algo muito semelhante ao espaço virtual.

A nossa interação com os computadores que, interligados, formavam grandes redes, nos permitiu ver que era possível a realização de atividades simbólicas num plano imaterial; que além de sermos capazes de realizar as mais diversas funções quando estávamos atuando de uma forma individualizada, nós éramos capazes realizar outras funções quando conectados. E mais, que o tipo da vivência que tínhamos quando estávamos neste ambiente, era determinada pela nossa própria sintonia.

Em outras palavras, que o Céu, assim como o Inferno, era o conjunto das pessoas que, tendo a mesma sintonia, estavam junto de seus pares, dos que lhes eram semelhantes, daqueles que, através de suas próprias escolhas, tinham vindo a formar preferências correlatas, formas-pensamento similares.

Enfim, que não havia ninguém para julgar as nossas ações e determinar os nossos destinos após a morte; que eram as nossas próprias ações, perpetradas ao longo de nossas próprias vidas, que determinavam a nossa existência futura: com que seres nós seríamos capazes de nos sintonizar após a nossa passagem por este mundo.

E que, se desejássemos mudar esta sintonia, isto só poderia ser feito aqui, no mundo material; que apenas aqui, no mundo da matéria, era possível gerar uma nova sintonia, um novo ser.

E mais, que nenhum padre poderia nos absolver de nossas ações, fossem elas boas ou ruins. Ou seja, que mesmo que não obedecêssemos, ou sequer soubéssemos, quais eram os divinos preceitos emitidos pela Igreja de Roma, nós teríamos, após a nossa passagem pela Terra, o fruto de nossas ações. Fruto este que seria a sintonia com os outros seres que haviam agido de maneira semelhante a nossa própria.

Ou, como vocês costumam dizer, que as leis da Natureza são as mesmas para todos, sem exceção; que cada um de nós, no futuro, vai estar em sintonia com aqueles que nos são mais próximos.

Enfim, que o nosso futuro é determinado pela vida que levamos; que não existe ninguém, além de nós mesmos, que possa mudar este futuro, seja para melhor ou para pior.

Inclusive, e principalmente, que não existe ninguém, nem mesmo um padre, por mais santo que seja, que tenha o poder para alterar, ou mesmo interferir, neste processo; que ninguém pode conceder remissões parciais dos nossos pecados, muito menos um perdão total; que todos nós vamos ter apenas o merecido fruto de nossas ações aqui na Terra, nem mais nem menos.

Enfim, nós percebemos que nossa existência consciente após a morte não era uma recompensa divina e sim o resultado do nosso próprio esforço, da nossa própria evolução em direção a este plano de atuação, espiritual. Nós percebemos que Deus era um estado de consciência e não um ser Todo Poderoso Senhor do Universo.

E, também, nós descobrimos que aquele que chamávamos de Deus era o conjunto de nossos antepassados: aqueles que, antes de nós, tinham conseguido evoluir ao ponto de terem se tornado capazes de existir sem mais necessitarem de um corpo material para permanecerem como entidades conscientes.

Com isso percebemos que Eles poderiam, e até desejavam, nos ajudar. Mas apenas no que dissesse respeito a evoluir nesta mesma direção, espiritual. E, o que era mais significativo, que Eles só fariam isto se nós, individualmente, e de uma maneira muito explícita, afirmássemos que este era o nosso desejo.

Ou seja, nós finalmente desmascaramos o bom velhinho, o tal de Papai Noel. Primeiro nós descobrimos que este era apenas um personagem criado por nós mesmos e, seguindo nosso processo evolutivo, nós viemos a perceber que éramos nós, e os nossos ancestrais, os seres que nos presenteavam.

E mais, que não havia um deus que interferisse, aqui neste mundo, para proteger as crianças, para evitar as tragédias, ou mesmo para evitar as guerras de extermínio; que éramos nós mesmos que, ao longo do nosso próprio processo evolutivo, tínhamos vindo a desenvolver sentimentos como o altruísmo, a solidariedade e a compaixão. Desenvolvimentos evolutivos estes que tinham se tornado parte da nossa própria natureza, humana, mas que nós, muito infantilmente, atribuíamos a um outro ser, imaginário.

Mas, semelhante às crianças que crescem e amadurecem, nós finalmente percebemos que tinham sido os nossos pais, e nossos familiares mais próximos, as pessoas que tinham nos abrigado e protegido e, também, nos entregado os tão belos presentes de Natal.

Assim nós percebemos que, apenas nós poderíamos tentar proteger e ajudar, não só a nós mesmos, mas, também, àqueles que, por algum infortúnio, não estivessem bem adaptados ao seu ambiente atual. Nós percebemos que éramos nós mesmos que determinávamos o nosso futuro e, com isso, aprendemos a conjugar Deus como Nós. Aprendemos que éramos Nós o deus que protegia e abrigava.

Enfim, nós descobrimos que toda aquela estória sobre um deus que olhava por cada um de nós tinha sido apenas uma consequência do nosso estado mental que, então, ainda era muito infantil.

E mais, que esta mentalidade infantil, num corpo adulto, era algo de enorme periculosidade, pois, os desafios que estavam se apresentando no final do século XX diziam respeito à nossa própria sobrevivência e, continuar acreditando que existia um deus, um bom velhinho que olhava por cada um de nós, era, no mínimo, uma atitude mental completamente irresponsável.

Nós então precisávamos fazer escolhas decisivas em relação à nossa própria sobrevivência e, se tivéssemos ficado esperando pela divina intervenção de um Deus Todo Poderoso para que este nos salvasse, isto sim teria sido o nosso fim. Deus não tinha interferido para salvar os dinossauros que, antes, tinham sido os prediletos Dele por mais de cem milhões de anos e, também, não iria interferir para nos salvar. Nós, finalmente, percebemos que cabia a nós mesmos, que somos apenas mais uma dentre as muitas formas de vida deste planeta, conseguir desenvolver as habilidades que fossem necessárias para virmos a ser capazes de sobreviver por mais do que alguns poucos milhões de anos.

E foram muitas as pessoas, não só aqui na Terra Brasil, que perceberam que era indispensável uma atuação decisiva para tentar mudar não apenas a maneira como nos relacionávamos como, também, a maneira como nos relacionávamos com nossa Mãe Terra; que se quiséssemos continuar existindo aqui, neste belo planeta, nós teríamos que parar de ficar envenenando o seu corpo.

Esta era a questão, fundamental, e em escala planetária, que tínhamos à nossa frente, no final do século XX.

Por outro lado, a nossa questão local era outra, mas que estava intimamente relacionada a esta, maior.

Entretanto, havia um provérbio que, então, já estava se tornando muito conhecido e que, em muito, nos ajudava a integrar estas duas questões.

Era um provérbio que dizia para pensarmos globalmente enquanto atuávamos localmente. Um novo provérbio que nos ensinava que, tendo isto em mente, se tornava possível unir as nossas ações locais, aparentemente separadas, a um esforço maior, global, no sentido de tentar transformar este planeta, novamente, em um local propício para a Vida.

Enfim, tentar solucionar os problemas globais a partir de nossa atuação local: tentar encontrar soluções para as nossas questões locais de maneira que estas sejam compatíveis com o Todo.

E mais, que a solução dos nossos problemas globais estava justamente na solução das nossas questões locais, até mesmo pessoais; que a busca pelo nosso bem estar pessoal, quando levava em conta o bem estar das muitas outras pessoas que estavam ao nosso redor, era capaz de nos levar a uma nova sintonia, compatível com o nosso ambiente global.

Então, percebendo tanto o significado como as profundas conseqüências associadas a esta abordagem nós, os habitantes da Terra Brasil, depois de muitos séculos, novamente viemos a escolher o nosso rumo.

Nós finalmente voltamos a escolher qual seria a nossa linha de atuação, algo que não fazíamos desde que as naus portuguesas por aqui tinham aportado.

Depois de um sono secular que diligentemente nos havia sido impingindo pela mentalidade lusitana, nós despertamos e decidimos que, a partir daquele momento, nós novamente iríamos atuar como um povo, como uma nação, e não mais como seres isolados, separados do Todo.

Não mais indivíduos que, separados, tentavam escapar das punições de um sistema de governo que nos obrigava, sempre, à obediência servil. Não mais a obediência aos que detinham o poder, aos que tinham o controle das armas.

Porque esta era nossa verdadeira condição de vida: éramos um povo escravo submetido aos santos desígnios daqueles que detinham o controle das armas.

Portanto nós, finalmente, decidimos que iríamos nos libertar desta antiga forma de viver, desta mentalidade aristotélica que impunha, pela uso da violência, a absurda idéia de que haviam seres que eram, pelos desígnios do próprio Deus, superiores, e, como tal, mereciam a nossa subserviência e, também, a nossa adoração; que alguns seres, supostamente mais esclarecidos, não somente tinham o direito mas o dever, sagrado, de nos ter sob sua orientação; que era natural, e portanto justo e correto, nos ter como escravos.

Mas escravos não apenas no que dizia respeito à execução de serviços braçais; escravos também em nossas mentes, como indivíduos submissos à maneira de pensar dos Santos Papas: escravos que, educados nos colégios fundados pelos jesuítas ao longo de séculos de dominação cultural, eram ensinados que a obediência era algo muito natural e que, a subserviência, tinha algo de divino: escravos que eram ensinados que a obediência incondicional à Santa Igreja de Roma garantia, após a morte, e de uma vida de muita dor e sofrimento, um bom lugar lá no Céu do Deus Pai Todo Poderoso Senhor do Universo.

Contudo, após quinhentos anos de servidão, nós, o povo brasileiro, resolvemos que iríamos nos libertar; que nós iríamos formar uma mentalidade nossa, independente daquela que era emanada pela Santíssima Igreja; que daqui para diante nós não mais iríamos nos orientar pela maneira de pensar dos que antes tinha nos ensinado a louvar a dor e, também, a servidão; que nós iríamos nos orientar pelos ensinamentos de Jesus Cristo e não pelos editos que eram emanados pelos Papas da Igreja de Roma.

Por isso o clero romano nos atacou tão violentamente; a nós que estávamos nos alinhando a esta nova maneira de pensar; a nós, brasileiros, que não mais queríamos que a Igreja de Roma interferisse no ensino brasileiro e, principalmente, aos muitos de nós que afirmavam, claramente, que não mais iriam admitir a interferência do Estado do Vaticano no governo brasileiro.

Por isso esta nova maneira de perceber o mundo, esta visão que prescindia de um Deus Todo Poderoso Criador do Céu e da Terra para a existência da vida e, também, para a existência da nossa própria alma, foi tão violentamente atacada.

Esta nova mentalidade não apenas tirava a Igreja de Roma do centro das decisões do governo brasileiro mas, também, a tirava de dentro das nossas escolas onde, sob a máscara de estar nos ensinando valores morais e alguma ética, estava, de fato, nos inculcando sua perversa mentalidade de obediência e subserviência — não apenas à Igreja mas, também, a todos os senhores, pois, como eu lhe disse antes, foi graças a São Paulo que se iniciou o caminho que levaria o movimento cristão a se transmutar na poderosa Igreja dos Imperadores Romanos.

Mas isto você agora claramente percebe. Para você é claro que aquela luxuosa igreja em Roma, ornamentada em ouro, e com aquela tão rigorosa hierarquia de poder, nunca havia sido a Igreja de Jesus, que ensinava fora dos templos; daquele que havia feito o Sermão da Montanha.

Esta era, de fato, igreja de Paulo, o cobrador de impostos, e, também, a igreja de Pedro, o fraco. Esta era a igreja da dívida e da cobrança e, também, a igreja da covardia e da submissão.

Esta nunca havia sido a Igreja de Jesus, aquele que havia tido a coragem de tentar ensinar o amor aos violentos povos que habitavam os desertos do oriente médio. E, também, esta nunca veio a ser Igreja de São Francisco: aquele que, pondo em risco a sua própria vida, tentou curar a Igreja de seus muitos erros, mas que, como muitos antes dele, e muitos outros depois, acabou não sendo levado em consideração pelos tão iluminados Bispos de Roma, os Santíssimos Papas.

Assim nós, brasileiros, bem no final do século XX, vimos o Estado do Vaticano como ele realmente era, como São Francisco havia nos mostrado: um antro de pessoas doentias em busca de poder. Nós finalmente percebemos que, desde o tempo de São Francisco, esta tal de Santa Igreja já estava irremediavelmente corrompida. Ou, como vocês agora dizem, que a cúria romana não poderia ter sido, em tempo algum, a Igreja de Jesus; que nós tínhamos que ter percebido, muito tempo antes, que esta sempre tinha sido a Igreja dos Imperadores.

Entretanto, por mais tardia que tenha sido nossa percepção, a partir dela nós finalmente conseguimos mudar o mundo ao nosso redor, mais exatamente, nossas relações sociais. Já mais amadurecidos, sabendo que éramos nós mesmos que tínhamos que cuidar da nossa sobrevivência, nós resolvemos iniciar uma ampla transformação das nossas estruturas sociais.

E começamos esta nossa transformação pelo que havia de mais fundamental: pela nossa mentalidade, pela nossa maneira de perceber o mundo ao nosso redor. Por isso nós começamos pela retirada dos padres, dos representantes da Santa Igreja de Roma, de dentro do nosso sistema educacional, brasileiro.

No final do século XX, quando nós finalmente começamos a ter um ensino público e gratuito disponível para a maior parte da nossa população, e não apenas para as crianças oriundas das tradicionais elites brasileiras, não mais fazia sentido que estas, agora as nossas escolas, escolas brasileiras, continuassem tendo o seu ensino influenciado pela mentalidade católica romana e, também, pela brutalidade lusitana, acrescidas, é claro, de leves toques de frivolidade francesa.

Com escolas para todo o povo brasileiro, e não apenas para uma elite francófila, não mais fazia sentido que nosso ensino continuasse sendo influenciado tão somente pela maneira dos franceses de perceber o mundo. E, também, pelo tão estúpido método de ensino dos jesuítas que, como o dos portugueses, tinha por base exigir um excelente desempenho dos alunos sem que, para isso, alguém tivesse que ter o trabalho de ensinar.

Esta era a verdadeira base do nosso sistema de ensino: uma escola que tinha como seu princípio metodológico fundamental sempre fazer a mais elevada cobrança enquanto que, ao aluno, cabia descobrir, por si mesmo, através do seu próprio esforço, como aprender o que seria cobrado.

E esta era também a verdadeira base do sistema que, mais tarde, ou muito mais cedo, para a maioria de nós, vinha para nos cobrar elevados impostos sem que, para isto, este mesmo sistema tivesse contribuído, de qualquer forma que fosse, para a produção desta riqueza: um sistema que cobrava um elevado desempenho de nós, os trabalhadores, mas que era totalmente incompetente no que dizia respeito a ser capaz de planejar: um sistema que sempre sabia nos cobrar os mais elevados tributos e que, para completar, nos via como seres inferiores, escravos por nossa própria natureza, inferior.

E isto graças a absurda mentalidade de pessoas como Paulo, Pedro e Aristóteles. E, também, graças à mentalidade dos Papas que, ao longo de séculos, sempre tinham se esforçado para nos manter ignorantes e subservientes.

Porém, com a nossa nova percepção, com nossa renovada visão de mundo, isto finalmente chegou ao fim.

E a primeira consequência desta nossa nova mentalidade foi a transformação das nossas escolas públicas. Primeiro elas deixaram de ser o lugar onde nós aprendíamos a subserviência e a obediência incondicional àqueles que detinham o poder e, num segundo momento, nós as transformamos em locais onde, além de aprendermos a buscar a verdade, nós aprendíamos a respeitar as opiniões, assim como as convicções e os valores dos outros, sempre.

É que, tendo em vista a nossa diversidade cultural, nossas escolas não mais podiam continuar privilegiando esta ou aquela visão de mundo. Por sermos crianças que tinham herdado dos nossos pais as mais diversas tradições religiosas e culturais, as nossas escolas não mais podiam continuar assim, privilegiando a tradição católica em detrimento das outras.

Assim, nas nossas escolas, passou a valer o respeito a todas as tradições religiosas, mas sem o ensino, de qualquer religião que fosse, dentro delas. Ficou então estabelecido que o ensino religioso deveria ocorrer dentro das igrejas, das sinagogas, das mesquitas, dos templos, das florestas e dos terreiros, mas nunca dentro das escolas; que as nossas escolas deveriam ser o lugar onde se ensinava o respeito à diversidade cultural e, não mais, o lugar onde se realizava a imposição de uma única forma de pensar sobre todas as demais.

E isto sim, foi algo realmente novo. Depois de quinhentos anos de imposição de uma cultura totalitária, de um único deus para todos, nós finalmente começamos a gerar a nossa própria percepção; nós começamos a criar a nossa própria cultura, brasileira, e a fizemos fundamentada na paz e no respeito à diversidade cultural, na convivência harmoniosa entre diferentes visões de mundo.

Mas este foi um longo processo. Mais de uma década se passou antes que comessem a aparecer os bons resultados desta reestruturação do ensino público brasileiro. De fato, o resultado mais imediato desta nossa nova mentalidade foi a redefinição do nosso sistema de governo.

A partir da idéia de que um governo, para que este fosse realmente democrático, não deveria ter o poder para impor as determinações de uma circunstancial maioria política sobre as escolhas de caráter pessoal dos seus cidadãos, nós finalmente começamos a criar um governo que, de fato, era para todo o povo.

E isto porque, anteriormente, nosso governo tinha por base o controle da vida das pessoas. Ao invés de ser uma estrutura administrativa de prestação de serviços, nosso governo era o exercício do poder por pessoas que, tendo sido educadas, em sua maioria, de acordo com uma visão aristotélica do mundo, achavam que não só tinham o direito, mas o dever, de impor suas crenças religiosas e seus valores morais, assim como suas filosofias econômicas, a todos nós, o povo, os ignorantes.

Era o governo dos mais elevados, dos supostamente mais esclarecidos, das elites; das pessoas que se julgavam obrigadas a nos esclarecer; das pessoas que achavam que tinham o direito de impor os seus valores, e o seu modo de viver, a todos.

E era também o governo das pessoas que achavam que delas nada deveria ser cobrado; que nenhuma avaliação deveria ser feita, pois, por definição, elas sempre sabiam o que era certo e sempre faziam o que era correto; que nós, o povo, é que não as compreendíamos; que nós, por sermos ignorantes, é que não sabíamos como fazer para executar, satisfatoriamente, os seus geniais planos econômicos.

Enfim, era como no governo de Fernando, o segundo, que uma vez nos disse que nós não tínhamos uma vida melhor porque éramos caipiras; que se nós fossemos franceses, assim como ele, aí sim, teríamos uma vida digna; que éramos nós, brasileiros, os únicos responsáveis pela nossa vida miserável, pois eles, os nossos senhores, sempre tinham feito tudo o que era possível para o nosso bem; que nós é que não éramos bons o bastante, pois, por nossa própria natureza, éramos inferiores.

Mas, como eu lhe disse antes, isto um dia começou a mudar. Nós finalmente decidimos que iríamos ser felizes também aqui, nesse mundo, e não apenas no outro.

Porém, para que isso acontecesse, nós muito bem sabíamos que tínhamos que transformar as nossas estruturas de governo. Mas não através de mais um surto, dito revolucionário, de ódio e rancor. Nós então já sabíamos que, para ser duradoura, uma transformação tinha que ser pacífica; tinha que ser uma ação construtiva e não mais um surto de violenta destruição.

Por isso, além de iniciarmos um movimento para separar o Estado brasileiro da Igreja de Roma, nós também começamos a limpar a nossa casa, a casa do povo, o Congresso Nacional, da escória corrupta que a estava parasitando.

Sim, pois vendo que as nossas instituições políticas estavam irremediavelmente corrompidas, nós então decidimos começar por aí, pela limpeza da nossa casa.

É que o nosso Congresso, nacional, estava infestado por parasitas que diziam que estavam lá em nome do povo, e para o bem do povo, mas que, de fato, estavam lá só para tentar conseguir satisfazer os seus inconfessáveis desejos de riqueza e poder.

Assim, através de referendos e plebiscitos, de ações que estavam fundamentadas no firme propósito de transformar as nossas vidas para melhor, mas sem fazer uso da violência, nós começamos a mudar as nossas estruturas políticas.

E nosso primeiro passo nesta direção foi a demissão de uns trezentos deputados federais, além de um bom punhado de senadores, pois, através de uma análise qualitativa das nossas estruturas político-administrativas, feita com o propósito de descobrir uma forma de torná-las eficientes, nós percebemos que não precisávamos dos mais de quinhentos deputados que nos representavam em Brasília para termos um bom sistema legislativo; que nós estaríamos muito bem representados se tivéssemos apenas uns duzentos deputados federais.

E mais, que com este número menor de representantes, nós finalmente conseguiríamos acompanhar o que é que eles tanto faziam lá em Brasília e, assim, avaliar as suas ações: se eles realmente estavam nos representando ou se, subrepticamente, estavam nos roubando.

Sim, porque nós então tínhamos bem mais de quinhentos deputados federais e nenhuma representatividade. Nós então sustentávamos, através de muitos e elevados impostos, uma gigantesca burocracia que não nos prestava qualquer serviço: uma burocracia que só sabia nos cobrar elevados tributos: uma despótica burocracia que, em detrimento do povo que deveria servir, servia apenas a si mesma.

Por isso nós tivemos que começar pela reestruturação do nosso sistema legislativo: por isso nosso primeiro passo teve que ser a redefinição de quantos seriam os representantes que desejávamos ter no Congresso. E, a nossa escolha, foi por um número bem menor de representantes.

E isto teve que ser feito por nós, pois nossos representantes, nossos deputados federais, jamais tomariam uma ação, qualquer providência que fosse, que de alguma maneira diminuísse seus poderes. Eles jamais limitariam seu suposto direito de desviar verbas e, muito menos, sua prerrogativa de ampla imunidade parlamentar, assim como o injustificável privilégio de serem julgados só por seus pares; pelos mesmos deputados que, em sua maioria, também eram corruptos.

Contudo, naquela época, era assim mesmo. A imunidade parlamentar era algo que, eles diziam, era fundamental, apesar de nós, evidentemente, acharmos que isto era muito incorreto: por que alguns poderiam, e até deveriam, estar acima da lei?

Na verdade, a imunidade parlamentar era algo que não era respeitado por nenhum governo autoritário quando este emergia e, portanto, era algo, de fato, inútil. A verdadeira, a única utilidade para esta tal de imunidade parlamentar, era impedir que eles, os nossos representantes, fossem julgados por seus crimes, que eram muitos.

Por isso, além de termos de nos mobilizar para acabar com este privilégio absurdo, nós também tivemos de nos organizar para conseguir manifestar a nossa determinação de reduzir o número de nossos representantes na esfera federal. E mais, nós também tivemos que nos mobilizar para obter a redução do valor das verbas que eram destinadas aos gabinetes destes mesmos parlamentares, algo que nós conseguimos no mesmo ano em que reduzimos as vagas disponíveis para os cargos eletivos.

Por outro lado, todos eles continuaram a ter direito a um apartamento funcional, assim como direito à transferência da matrícula escolar de seus filhos para qualquer uma das muitas e boas escolas que existiam no Distrito Federal.

Assim, com a quantidade de representantes federais mais adequada, isto é, pouco mais de duzentos deputados federais, e pouco mais de cinquenta senadores, e nenhum suplente, nós ficamos muito satisfeitos.

Mas nós não paramos por aí. Nós também decidimos que os nossos representantes deixariam de ter as muitas passagens de avião que eles recebiam para poderem viajar, várias vezes por mês, para seus estados de origem. Afinal, eles estavam recebendo apartamentos, e muitas outras facilidades, para que pudessem morar, e muito bem, aqui, em Brasília; para que ficassem aqui, na capital federal, e não para ficarem indo e vindo, de e para, seus estados de origem.

Mas eles não percebiam isso, ou faziam que não percebiam, e, ao invés de tentarem encontrar soluções para nossos muitos problemas, ao invés de fazerem uso da nossa unidade nacional para obterem uma melhor solução para nossas questões, tanto a nível local quanto a nível global, eles, mesquinhamente, iam à Brasília, à nossa capital, apenas para fazerem reivindicações setoriais e para fazerem leis e regulamentos que beneficiavam apenas a eles mesmos.

Por isso nós tivemos que redefinir nossas estruturas de governo e fiscalizar, meticulosamente, nossos representantes. Por isso nós tivemos que acabar com o absurdo hábito dos nossos representantes de trabalharem apenas três dias por semana. Além disso, nós decidimos que se eles quisessem visitar os seus estados de origem, só poderiam fazer isto com passagens pagas por seus próprios partidos, e não por nós.

Nós então deixamos claro que não mais iríamos permitir esses abusos; que nós não mais iríamos ser condescendentes com tão descarado despotismo, ocorresse ele no Congresso ou em qualquer outro setor da nossa sociedade.

Por isso nós fizemos a Campanha pelo Imposto Único. Nós queríamos muito mais do que apenas uma transparência nas decisões que eram tomadas por nossos tão elevados e sábios representantes. Nós também queríamos saber para onde ia o nosso dinheiro dentro da imensa estrutura administrativa do poder executivo. E mais, nós queríamos cobrar impostos de nossas elites, tão acostumadas a só tomar e nunca contribuir.

Assim, num golpe final, nós resolvemos acabar com todo e qualquer tipo de sigilo bancário, fosse de empresas públicas ou privadas. Nós decidimos acabar com o sigilo bancário dos membros do poder legislativo, executivo e judiciário, além do nosso próprio.

Enfim, nós decidimos estabelecer o que vocês hoje em dia chamam de transparência; algo que, atualmente, é considerado extremamente benéfico, mas que, então, foi considerado mais uma heresia.

Entretanto, o fim do sigilo bancário fez com que as pessoas que eram corruptas, e seus corruptores, não mais conseguissem passar incólumes, à margem da lei. E isto foi muito bom para a maioria de nós, que não éramos corruptos e, portanto, não tínhamos nada a esconder. Só os ladrões, que tinham muito a perder, é que se posicionaram contra esta medida.

Contudo, esta foi a nossa decisão: a redução do número de parlamentares e das verbas que eram destinadas a eles, além do fim dos cargos de suplente em todos os níveis, seguido do estabelecimento do Imposto Único, assim como de sua mais direta consequência, o fim do sigilo bancário.

Porém, o fim do sigilo bancário, não foi algo tão difícil de ser estabelecido. É que, paralelamente, estava ocorrendo uma outra campanha que em muito nos ajudou no estabelecimento desse nosso novo sistema de arrecadação. Foi a campanha pela liberação do jogo, da prostituição e, também, das drogas. Uma campanha que, ao ser bem sucedida, fez com que a pressão pela manutenção do sigilo bancário diminuísse muito, pois apenas aqueles que roubavam continuaram a ter motivos para se opor.

Por isso só os que nos roubavam foram contra a Campanha pelo Imposto Único. Os comerciantes, e quase todos os outros empreendedores, não tiveram qualquer receio em relação à implantação deste novo sistema de arrecadação. Eles, de fato, ficaram até felizes por poderem se livrar de toda uma imensa burocracia que só encarecia os seus produtos e reduzia a sua competitividade.

Assim, o fim dos inúmeros tributos que nos eram cobrados foi muito bem vindo. Um único imposto, cobrado em cada uma das nossas transações bancárias, automaticamente, além de ser muito menos complicado, era, de fato, muito mais barato para todos nós. A cobrança de um por cento de imposto, apesar de, no início, ter parecido ser algo muito alto, acabou por se provar muito menos oneroso, mesmo quando se levava em conta seu efeito cumulativo, do que os trinta por cento que, em média, nos era cobrado pela legislação tributária que existia antes.

E esta nova forma de cobrança, simplificada, permitiu que as empresas não mais tivessem que ter enormes departamentos totalmente dedicados apenas à interpretação de leis tributárias. Estes departamentos puderam então se dedicar apenas às suas próprias atividades; onde e como o dinheiro da empresa era utilizado, ao invés de ficarem se preocupando com as infinitas demandas do Estado. Enfim, as empresas puderam se dedicar, de forma integral, às suas atividades, o que foi benéfico tanto para elas quanto para nós, pois com empresas mais eficientes, passamos a ter produtos e serviços melhores, e mais baratos.

Assim, com a transparência financeira, acompanhada pela liberação dos nossos costumes, nós começamos a construir um mundo novo, e melhor. Sim, melhor, porque passamos a tratar de questões como drogas, prostituição e jogo como casos de saúde pública e educação, e não como casos de polícia.

Mas, no início, as pessoas tiveram grande dificuldade para perceber isto; que o crime estava em matar uma outra pessoa e não no erro, na infeliz escolha que algumas pessoas faziam, de se matarem, lentamente, através do uso de drogas.

Assim como tiveram grande dificuldade para perceber que o jogo era um erro sim, mas não um crime, pois entregávamos, voluntariamente, o nosso dinheiro.

E que a prostituição, também, não era um crime. Que era a nossa hipocrisia que fazia disto algo condenável quando, em verdade, isto era apenas uma opção de vida, ou uma falta de opção, mas nunca um crime.

Então, nestes três casos, a nossa nova determinação passou a ser a de que o Estado teria que amparar e educar: não mais punir, com violência, estas opções, ou esta falta de opção.

A partir da nossa nova mentalidade, nós então redefinimos os deveres, e os limites, do nosso Estado. Nós decidimos que a repressão, a violenta atuação policial, não mais seria a maneira que usaríamos para lidar com questões pessoais como o jogo, a prostituição e as drogas.

Assim, com o fim da nossa hipocrisia, nós decidimos parar de reprimir, de considerar um crime, o jogo que era promovido pelos nossos bicheiros, pois o nosso próprio Estado promovia inúmeras modalidades de jogatina. E, de maneira semelhante, nós decidimos que não mais iríamos reprimir a prostituição, pois, de fato, nós puníamos, com extrema violência, apenas as pessoas que eram pobres, enquanto que, hipocritamente, nós liberávamos as pessoas que faziam o mesmo na nossa tão high society. E, coerentemente, decidimos não mais punir aqueles que comercializavam drogas. Nós optamos por tratar com eles da mesma maneira que tratávamos com aquelas pessoas que vendiam drogas como o tabaco e o álcool.

E isto porque nós, diferentemente de nossas tão esclarecidas autoridades, sabíamos que a simples proibição do consumo de drogas não resolvia absolutamente nada; que desde o clássico caso da Lei Seca, implantada nos EUA na década de vinte, nós sabíamos que a simples repressão apenas acirrava a violência nas ruas das cidades, sem com isso conseguir obter qualquer diminuição, fosse do consumo de álcool, ou de qualquer outra droga.

Nós, por isso, decidimos que não mais queríamos ter a tão estúpida violência que acompanhava a proibição do comércio de drogas. Nós decidimos que não mais queríamos a repressão policial que, em última instância, prejudicava apenas a nós, os favelados; apenas a nós, os meio negros, meio brancos, enfim, os pardos pobres, os marginais dessa comunidade tão desigual que era a sociedade brasileira no século XX.

Portanto nós decidimos que não mais queríamos esta polícia que existia apenas para controlar as populações escravas das nossas cidades; uma polícia que, historicamente, existia apenas para reprimir os crimes cometidos contra as propriedades dos brancos e que nunca atuava na prevenção, e muito menos na repressão, dos inúmeros assassinatos e dos enormes roubos que eram cometidos por eles, os nossos senhores.

Assim nós, esclarecidamente, decidimos por um projeto de conscientização da nossa população sobre os riscos envolvidos no consumo de drogas, acompanhado, é claro, por programas governamentais que nos dessem uma perspectiva de vida; que nos dessem uma escola que conseguisse nos preparar para uma vida íntegra.

Enfim, um Estado que, antes de vir nos castigar por nossas escolhas, muitas vezes infelizes, se desse ao trabalho de ensinar, de nos preparar para que pudéssemos saber escolher o que era melhor. Um Estado que, antes de nos punir, nos desse alguma chance de vida; que nos desse abrigo e instrução antes de vir nos cobrar os melhores resultados.

Esta foi, então, a nossa escolha, no final do século XX. Um Estado voltado para nós, o povo brasileiro, e não mais apenas para nossas elites. Não mais um estado burocrático que, deste os tempos em que a Coroa de Portugal nos governava, existia apenas para nos cobrar impostos e regulamentar nossas vidas, além de, é claro, existir para distribuir os cargos de governo de acordo com critérios como o compadrio e o partidarismo, além de outros, que não apenas beiravam o infame, mas eram, de fato, totalmente obscenos.

Por isso nós nos mobilizamos, bem no final do século XX, para fazer valer a nossa vontade. E também no início do século XXI para repetir, mais uma vez, que nós não queríamos o tal de sistema parlamentarista de governo que era tão ardentemente desejado por nossas elites políticas; que o que nós desejávamos era o sistema presidencialista de governo, com sua muito bem determinada separação entre os três poderes.

Sim, porque este era então um dos principais problemas da nossa estrutura de governo: a total promiscuidade entre os três poderes.

Daí ter sido este o principal motivo que nos levou a exigir, quando os nossos parlamentares novamente quiseram fazer um plebiscito sobre sistema de governo, que nosso poder executivo parasse de ficar legislando; que este parasse de ficar emitindo medidas provisórias: leis, enfim, que não tinham sido votadas pelo nosso poder legislativo.

E também, que o nosso poder legislativo parasse de ficar se intrometendo nas atividades do executivo; que este parasse de ficar exigindo cargos dentro da nossa estrutura administrativa de governo como uma forma de pagamento pela aprovação de leis que, indevidamente, tinham tido sua origem nos gabinetes do executivo.

E mais, que o nosso tão bem remunerado poder judiciário deixasse de ser totalmente omissos em relação a este tipo de atuação dos nossos representantes.

Mas isto não foi obtido facilmente. Os nossos representantes já tinham assumido, de muito longa data, que este incestuoso relacionamento entre o poder legislativo e o poder executivo era a maneira correta de atuar; que a troca de favores entre o executivo e o legislativo era apenas mais uma parte, totalmente lícita, do que eles denominavam de jogo político.

Por isso, acabar com este modo de fazer política foi algo tão difícil. Os nossos representantes achavam que relacionamentos incestuosos, assim como exercer o poder em benefício próprio, eram maneiras corretas de agir; que esta era a forma correta de governar.

Porém, você agora sabe, esta não é a forma correta de ser e, muito menos, de governar; que o sistema presidencialista de governo só funciona de maneira satisfatória se o poder legislativo não for capaz de interferir, de qualquer maneira que seja, no processo que determina quem, dentro do poder executivo, será responsável por fazer cumprir as leis.

E mais, que ao poder executivo cabe apenas obedecer às leis, jamais questioná-las; da mesma maneira que ao legislativo cabe apenas propor e votar as leis, jamais interferir na sua execução. E que tudo isto deve ocorrer sob a mais zelosa observância do poder judiciário.

Contudo, naquele tempo, não era assim que acontecia. Por isso nós tivemos que nos mobilizar para mudar também nossa estrutura partidária. E isto para permitir que as muitas pessoas que não estavam filiadas a um partido político, as pessoas que não estavam comprometidas com a política partidária, também pudessem se candidatar aos cargos de representação política.

E isto porque os nossos partidos políticos eram escolas de corrupção. Neles, só as pessoas que já estivessem totalmente comprometidas com o partido, com sua infame estrutura de troca de favores, conseguiam ser indicadas para concorrer a um cargo de representação. Apenas aqueles que já tivessem tido o enorme privilégio de serem devidamente corrompidos por alguns dos elevados membros do seu partido conseguiam autorização para se candidatarem aos cargos eletivos. Apenas estes podiam ser escolhidos para representar o povo.

Assim, nós tivemos que modificar, completamente, a nossa legislação eleitoral e, também, a estrutura administrativa do poder executivo. E foi por isso também que nós tivemos que modificar, totalmente, a maneira do nosso Estado de arrecadar nossas contribuições, além de ter sido este um dos principais motivos que nos levou a optar pelo fim do sigilo bancário.

Esta foi a melhor maneira que nós encontramos para acabar com a desvairada corrupção e com a completa licenciosidade que então eram tão comuns na gestão dos bens públicos: uma total transparência das ações que eram perpetradas por nossos tão sábios e diligentes representantes.

E tudo isto fruto da nossa nova mentalidade; da percepção de que nós não éramos mais crianças; da constatação de que nós não mais podíamos continuar agindo assim, de maneira tão inconseqüente e irresponsável.

Mas de todas estas coisas que aconteceram, houve uma que muito me agradou, apesar de ter sido apenas um ato simbólico, e não a própria causa, desses significativos desenvolvimentos.

Foi a manifestação popular que levou à retirada do Mastro, e também da Pomba, da Praça dos Três Poderes. Isto foi algo que muito me agradou, pois estes monumentos eram símbolos de formas de governo que, desde que os portugueses por aqui tinham aportado, só tinham nos trazido miséria e sofrimento, e, portanto, por seu tão nefasto legado de violência e opressão, de forma alguma mereciam estar na nossa nova capital.

O Mastro era um dos símbolos máximos de nossos militares e, a Pomba, era um dos símbolos mais característicos de nossas elites. E, ambos, eram os símbolos daqueles que se reuniam sob a bandeira da ordem e do progresso para nos ensinar, ou até mesmo nos impor, violentamente quando eles assim achavam necessário, a mais completa obediência pois, de acordo com a mentalidade de então, esta era a única maneira de termos uma vida correta, principalmente sob os olhos de Deus.

Contudo, estes monumentos eram uma afronta ao traçado original da Praça dos Três Poderes. Ambos tinham sido postos lado a lado, ou frente a frente, ali, na Praça dos Três Poderes, numa clara demonstração da disputa entre os nossos senhores por nossa tradicional obediência, mesmo na nossa nova capital; mesmo na cidade que nós, os candangos, tínhamos construído sob direta orientação de Juscelino Kubitschek, o Fundador, na esperança de que este lugar, um dia, viesse a ser a capital de todos nós brasileiros e não apenas um novo covil para nossos tão antigos déspotas.

Por isso nós decidimos retirar estes dois monumentos da nossa capital, da mais bela cidade que tínhamos construído desde Teotihuacán, o Centro do Mundo Maia. Sim, porque desde aquela que tinha sido a morada dos que conheciam o caminho que levava a Deus, daqueles entes humanos que se orientavam pelo amor a Luz e não pelo temor à Escuridão, que nós não realizávamos uma construção tão formidável.

Por isso nós decidimos extirpar do coração da Terra Brasil, da nossa nova capital, da cidade que tínhamos construído para ser o centro do nosso novo modo de governo, estes símbolos dos nossos antigos senhores.

Desta forma nós conseguimos restaurar tanto o propósito como o traçado original de Brasília. Depois de mais de trinta anos nós finalmente conseguimos recuperar o projeto original do Plano Piloto; daquela que era a primeira das nossas novas cidades; da cidade que tínhamos construído na forma de um arco tensionado por uma flexa; da cidade que era o símbolo mais característico da nossa origem e, também, da ascendência que tínhamos por termos sido os primeiros seres humanos que haviam conseguido habitar este continente.

E tudo isto como resultado da nossa nova mentalidade, que não mais conseguia permitir que a antiga ideologia aristotélica, segregacionista e escravocrata, continuasse a envenenar nosso futuro; tanto o nosso, o dos primeiros habitantes destas terras, como o dos muitos que para cá tinham vindo em busca de uma vida digna. Enfim, o futuro de todos nós que desejávamos ter, neste continente, uma vida próspera, em paz e em liberdade.

Mas o estabelecimento desta nossa nova forma de governo, de um governo do povo, exercido pelo povo e para o povo, só foi possível porque, além de termos mudado nossas estruturas políticas, nós também modificamos as nossas Forças Armadas que, até aquele momento, tinham sido apenas o braço armado das nossas elites.

Sim, apenas o braço armado das nossas elites, pois quando os absurdos delírios dirigistas destes nossos governantes não apresentavam os resultados por eles desejados, eles, os nossos senhores, nos enviavam nossas próprias Forças Armadas para nos fazer calar, para nos fazer aceitar, submissamente, a sua imensurável incompetência. Mas isto só quando eles tentavam fingir que nos governavam, pois, na maioria das vezes, o que eles faziam, o que eles então chamavam de governar, era, de fato, apenas a mais descarada prática da extorsão.

Por isso a redefinição das nossas Forças Armadas foi algo tão fundamental. Se nossos governantes tivessem continuado a ter o poder das armas para nos fazer calar, para nos impedir de exigir um governo que fosse, ao mesmo tempo, honesto e competente, nós nunca teríamos conseguido fazer as mudanças que por fim limparam as nossas instituições públicas de toda aquela desavergonhada corrupção e ineficiência.

Porém, o que foi muito interessante, todas estas modificações tiveram seu início na campanha que fizemos pela proibição ao porte de arma. Nós então decidimos que só os nossos militares, que finalmente passaram a ser adequadamente preparados para esta grande responsabilidade, poderiam ter permissão para usar armas em território brasileiro. E que, mesmo estes, só poderiam ter esta autorização sob o nosso mais rigoroso controle.

Mas o que mais marcou esta nossa manifestação foi o fato dela, diferente das muitas outras mobilizações populares que fizemos naqueles tempos, desde o início ter tido total aceitação popular. A maioria do povo brasileiro, desde o início, aprovou a moção pela proibição ao porte de arma.

E como o comércio de drogas, assim como a prática do jogo, já tinham deixado de serem considerados atos criminosos pelos nossos tribunais, o estabelecimento desta nossa deliberação foi algo até fácil de ser conseguido.

Assim, a partir da nossa nova mentalidade, nós conseguimos impedir o que era, de fato, um ato criminoso: matar uma outra pessoa. Nós finalmente nos conscientizamos de que uma arma, por sua própria definição de projeto, era construída para matar uma outra pessoa, e que, isto, de fato, era muito diferente do que acontecia quando alguém resolvia fazer uso de uma droga. Esta, um dia, iria acabar matando o seu estúpido usuário, mas apenas este, e não uma outra pessoa.

Todavia, esta nossa decisão de proibir o comércio de armas em terras brasileiras e mais, de permitir o comércio de drogas aqui, dentro das nossas fronteiras, foi algo que os senhores da guerra decididamente se opuseram.

Eles, os industriais que produziam as armas, não queriam que seu tão lucrativo comércio fosse prejudicado. E nisto eles foram totalmente apoiados pelo próprio governo da América do Norte que, por sua vez, não queria que a produção, assim como o comércio de drogas, fossem descriminalizados.

É que combater as drogas na sua própria fonte, como eles diziam, era o principal pretexto então utilizado para justificar a ocupação, por militares da América do Norte, da nossa região amazônica.

Porém, com o fim da nossa estúpida hipocrisia em relação ao consumo de drogas, e em relação a tantas outras questões que por muitos e muitos séculos tinham ficado pendentes em nossa sociedade, nós não apenas conseguimos melhorar nossas relações sociais como, também, conseguimos evitar que o nosso país fosse invadido por militares da América do Norte. Nós, e isto por um triz, conseguimos evitar que o nosso país acabasse sendo apenas mais um dos muitos que, na segunda metade do século XX, tinham sido destruídos enquanto eram usados como campos de teste pela indústria bélica americana.

Assim, através de uma firme posição em defesa de nossas decisões no que dizia respeito aos rumos das nossas próprias vidas nós, decididamente, apoiamos a proibição ao porte de arma, assim como apoiamos o fim do uso das armas como forma adequada de se lidar com a produção e o consumo de drogas. E isto nós fizemos mesmo estando sob a mais intensa intimidação do governo americano que, por sua vez, pensava ser totalmente correto proibir o comércio das drogas mas não o das armas.

Contudo, eles assim agiam porque para eles, para os líderes políticos da América do Norte, o porte de uma arma era como que um direito fundamental de todo cidadão, enquanto que, o combate às drogas, era como que um dever sagrado do seu país; uma guerra santa que deveria ser vencida a qualquer custo, nem que para isso eles tivessem que invadir, ou como eles então diziam, ocupar temporariamente, outros países.

Portanto, frente a esta total divergência entre a nossa forma de pensar e a forma com que os líderes políticos da América do Norte achavam que nós deveríamos pensar, nós ficamos como que encurralados.

Daí ter sido justamente esta a questão que nos levou a ter uma participação ativa no cenário político internacional: não a defesa das drogas, mas a nossa firme posição contra o uso de armas como maneira adequada de se lidar com a questão da dependência química. E isto nós fizemos mesmo sabendo que este grave problema social afligia praticamente todas as populações do planeta e não apenas os americanos do norte.

E exatamente porque esta questão dizia respeito a vários países, e não só aos EUA, foi que nós não ficamos isolados na defesa desta posição. Muitos outros países, principalmente na Europa, também achavam que seria mais apropriado lidar com a questão da dependência química a partir de orientações que viessem de seus departamentos de saúde pública e educação do que a partir das tão estritas diretrizes que eram emanadas por seus departamentos de polícia.

Além disso, muitos desses países eram os mesmos que, antes de nós, também já tinham decidido proibir o porte de arma por seus cidadãos e que, indo muito mais além, tinham conseguido obter efetivo controle sobre as armas que eram utilizadas por seus militares. Estados em que as armas eram, de fato, controladas pelo povo e não por um pequeno grupo de influentes donos de fábricas de armas.

Assim, apenas os industriais do complexo bélico da América do Norte continuaram se opondo à nossa decisão de banir as armas. Os mesmos políticos que, por sua vez, se opunham à nossa proposta de que a questão das drogas fosse tratada por departamentos de saúde pública e educação. Enfim, apenas os mais gananciosos e incoerentes líderes políticos dentro da estrutura de governo dos EUA continuaram insistindo numa intransigente defesa ao porte de arma, assim como na defesa de uma força bélica do tipo imperialista por parte do seu país.

E este impasse poderia ter prosseguido indefinidamente não fosse o fato de que, ao longo da segunda metade do século XX, e mais intensamente à medida que este se aproximava do seu fim, profundas transformações estivessem ocorrendo em nossas fábricas, não apenas nos modos de produção que então eram utilizados mas, principalmente, pelo fato de que muitos novos produtos estavam sendo produzidos; produtos estes que eram o mais tangível resultado de um novo saber que estava sendo alcançado pelos cientistas e que, pela grande inventividade de um grande número de engenheiros e técnicos, estava gerando muitas novas indústrias; indústrias estas que logo se mostraram muito poderosas também, como a da engenharia aeroespacial e a da microeletrônica, assim como a da robótica e a da tecnologia de novos materiais, a qual, aliás, foi a que nos trouxe os quase inacreditáveis materiais cerâmicos supercondutores, além de, é claro, aquela que estão foi considerada a mais assombrosa de todas estas novas indústrias: a da engenharia genética.

Assim, para surpresa dos antigos senhores da guerra, o mundo tinha se transformado de uma maneira que eles jamais teriam sido capazes de prever. A partir dos desenvolvimentos científicos e tecnológicos do final do século XX, os destinos do mundo deixaram de ser decididos pelas armas e passaram a ser determinados pela capacidade de cada nação de interagir com estas novas tecnologias.

Por fim, a capacidade de destruir começou a deixar de ser o único centro de poder e passou a ter que conviver com a nossa igualmente tão poderosa capacidade de atuação criativa; com a nossa infinita capacidade de gerar o novo.

O que, inclusive, como você sabe muito bem, foi o que nos salvou, logo no início do século XXI, de mais uma das muitas devastadoras hecatombes ecológicas que de tempos em tempos assolam este planeta e que, como seu pai nunca esquece de ressaltar, em última instância, pelo menos desta vez, tinha sido provocada por nós mesmos; pela maneira estúpida e violenta com que interagíamos com o planeta que nos abrigava.

Mas, naquele tempo, a questão da poluição era um tema secundário e, o equilíbrio ecológico, algo tão delirante quanto considerar a possibilidade de paz mundial.

Num mundo em que predominava a miséria e a violência, falar sobre equilíbrio ecológico e harmonia social era o mesmo que falar de um outro mundo, mesmo que este outro mundo, como você sabe muito bem, pois você agora vive nele, estivesse logo ali, apenas umas poucas décadas adiante.

O fato é que, no final, um dos fatores mais decisivos para a mudança desta situação de miséria para uma de prosperidade foi, por mais incrível que parecesse então, a decisão de muitos países, dentre os quais nós nos incluíamos, mas dentre os quais se destacavam a Alemanha (então já unificada e parte ativa da Comunidade Européia), assim como o Japão (que por sua vez já se encontrava economicamente recuperado e parte do cenário mundial), de participarem ativamente na exploração do espaço. Foi a busca pela supremacia nesta nova fronteira que veio a transformar a forma de atuação destas nações aqui na Terra. Foi isto que fez com que a tão antiga diretriz de supremacia militar viesse a se tornar um objetivo secundário, algo que, por sua vez, resultou na redução dos conflitos armados aqui na Terra.

Mas sim, eu sei que um número menor de guerras não é exatamente a paz, mas este novo foco de atenção contribuiu, ou melhor, veio a permitir, que nós pudéssemos nos dedicar à construção de um mundo melhor, algo que, antes, nós não conseguíamos fazer, pois sempre estávamos muito ocupados tentando nos recuperar das seqüelas da última guerra.

Assim, foi a decisão dos japoneses e dos alemães de irem ao espaço, com ou sem os americanos, que fez com que os líderes políticos dos EUA tivessem que rever os seus tão elaborados arranjos políticos: se iriam continuar apoiando os senhores da guerra ou se, muito convenientemente, iriam fazer algo para convencê-los a tomar parte, ou melhor, a lucrar, com as novas oportunidades comerciais que estavam se apresentando.

Então, como uma demonstração de sua grandeza, os americanos do norte decidiram por um incondicional apoio, além de um total comprometimento, com o desbravamento desta nova fronteira.

Contudo, eles não tiveram muitas alternativas, pois tanto a Alemanha quanto o Japão já haviam decidido pela exploração do espaço, tendo em vista que era lá, mais exatamente na Lua, que se encontrava a mais promissora resposta para aquele que, ao longo de muitas décadas, tinha sido um dos seus principais problemas: a limitada quantidade de energia que eles tinham disponível para o desenvolvimento de suas indústrias.

Assim, foi pela busca de um suprimento quase ilimitado de energia que a nossa espécie, no início deste novo século, voltou a realizar missões espaciais. Foi o elemento hélio-3, ou, como vocês costumam chamar, a poeira lunar, o que reacendeu, o que fez ressurgir, o empenho necessário para o desenvolvimento de uma tecnologia capaz de nos reconduzir ao espaço. E isto para buscar poeira lunar para abastecer os nossos reatores de fusão nuclear; poeira lunar para termos quantidades quase ilimitadas de energia limpa; poeira lunar para nos libertar dos tão nocivos resíduos dos nossos antigos reatores de desintegração nuclear, algo que, por sua vez, era essencial, já que nós não mais éramos capazes de existir sem gigantescos suprimentos de energia e, ao mesmo tempo, não mais podíamos continuar com as nossas tão antigas formas de produzir energia, como as muitas catástrofes ecológicas globais do início do século XXI nos fizeram perceber.

Afinal, como você sabe, e muito bem, a nossa espécie quase foi aniquilada pelo próprio ambiente terrestre como uma direta consequência da estúpida maneira com que nós, então, ainda nos relacionávamos com nossa mãe Terra.

Portanto, no início, foi a busca por energia limpa a principal motivação que nos levou a desenvolver a tão ampla gama de tecnologias necessárias para efetivamente sermos capazes de atuarmos no espaço, algo que, no final, acabou fazendo de nós, da nossa espécie quando atuando em conjunto, um novo ser,

extraterrestre.

Enfim, foi nossa atuação em conjunto, algo absolutamente essencial para a realização de uma exploração espacial de tão grande envergadura, o que transformou a maneira dos nossos governantes se relacionarem. Foi a absoluta necessidade de cooperação que fez com que eles mudassem os seus antigos modos de ser e passassem a atuar de uma maneira que fosse benéfica para todos.

Assim, quando o conceito de cooperação se mostrou como sendo algo fundamental para sermos capazes de existir neste novo mundo, nossos líderes finalmente se tocaram de que seria a cooperação, assim como a solidariedade, em escala global, o que iria determinar o futuro das nações e não, como eles antes haviam feito parecer, a capacidade de destruição de cada uma delas, por mais poderosas que algumas destas nações fossem individualmente.

Contudo, antes que a idéia de cooperação tivesse chance de se mostrar benéfica, ela se apresentou como sendo essencial. Os devastadores desequilíbrios ecológicos que se manifestaram logo no início deste novo século, e que eram o mais tangível resultado do modo irresponsável com que nos relacionávamos, não só com o ambiente terrestre mas entre nós mesmos, nos obrigaram a ver que, sem cooperação e solidariedade, nós não mais seríamos capazes de sobreviver, fosse como nações, fosse como espécie.

Então, foi em resposta a poderosas forças naturais, assim como em resposta a imperativas necessidades materiais, além de, é claro, em resposta aos legítimos anseios dos cidadãos das mais diversas nações do planeta, que nossos governantes finalmente pararam de se transformar para permanecerem os mesmos e passaram a se modificar para se tornarem pessoas que fossem capazes de lidar com a tão completamente nova realidade que, naquele final ciclo, estava se apresentando. Uma nova realidade que exigia, de todos nós, o pleno exercício de nossas melhores habilidades.

Portanto, nós escolhemos, ou melhor, nós fizemos com que os nossos líderes tivessem que escolher, o caminho da paz e da cooperação; aquele que certamente era o único caminho capaz de sanar aqueles que então ainda eram tidos como sendo os conflitos intrínsecos da nossa própria espécie mas que, de fato, eram apenas os mais claros resultados dos perversos sofismas que, ao longo de séculos, os nossos tão absurdos senhores nos haviam impingido.

Assim, audaciosamente contrariando uma visão de mundo que supunha que tínhamos uma propensão natural à destruição e à desordem, nós, insolentemente, decidimos tentar sanar os conflitos que, aparentemente, eram intrínsecos à nossa própria espécie, mas que, de fato, eram apenas os mais claros reflexos da estúpida forma de perceber o mundo ao seu redor que os nossos senhores tinham.

Uma visão de mundo que os nossos aristotélicos senhores tinham por terem sido, em sua maioria, e desde a infância, doutrinados de acordo com os sagrados preceitos da Igreja de Roma e que, por sua vez, acabava fazendo com que eles só conseguissem ver, na sua imensa ignorância, apenas mais dor e sofrimento no nosso futuro, apesar de todo o nosso esforço, de todo nosso trabalho, para construir um futuro melhor, não apenas para nós mesmos, mas, também, para todos aqueles que, depois, certamente viriam.

Então, contrariando as poderosas tradições mentais que nos haviam sido impostas pelos padres europeus nós, naquele que foi um dos nossos momentos mais lúcidos até então, decidimos que iríamos tentar estabelecer um Estado que tivesse por base a liberdade de pensamento; uma sociedade em que a forma com que cada um de nós havia escolhido para viver neste mundo fosse respeitada, independente de qual fosse a nossa origem, raça, ou credo; uma sociedade em que todos nós poderíamos, enquanto respeitássemos os nossos irmãos, ter pleno direito de conduzir nossas próprias vidas de acordo com os ditames de nossas próprias consciências.

Enfim, uma sociedade em que nós não mais teríamos que viver sob o tão pesado jugo da Igreja de Roma que, até aquele momento, e por todo o mundo ocidental, ainda era louvada como sendo a suprema fonte da mais elevada doutrina e que, portanto, se julgava no direito de impor incondicionalmente a sua verdade para todos os povos do mundo através dos seus tão dedicados padres: uns lacaios que, na sua santa ignorância, achavam que eram divinos porque serviam ao Bispo de Roma que, por sua vez, se autodenominava Santo Papa e que, na sua infinita arrogância, se julgava ser o possuidor de uma infalível sapiência, posto que, o seu saber, seria uma direta decorrência da sua tão íntima relação com o próprio Deus: aquele que, no início, havia criado o Céu e a Terra e que, por intermédio do Seu único filho, havia feito do Santo Apóstolo Pedro, e de todos aqueles que um dia viessem a sucedê-lo em seu trono, os únicos legítimos representantes da Sua Divina Vontade para todas as Suas criaturas que, neste mundo inferior, ainda habitavam.

Portanto, enquanto os Estados Unidos da América do Norte lideravam o desenvolvimento da nossa espécie rumo às estrelas e, assim, conseguiam promover a concórdia entre aquelas que eram as mais poderosas nações da Terra, nós, humildemente, como os nossos senhores diligentemente nos haviam ensinado, tentávamos muito submissamente finalmente conseguir iniciar a construção de um sistema social que, se nosso Senhor Deus um dia viesse a permitir, seria justo, imparcial e íntegro.

Assim, enquanto os poderosos senhores da guerra por fim resolviam parar de lutar entre si para se dedicarem àquela que certamente era a mais prodigiosa empreitada que nossa espécie até então havia ousado tentar encetar, nós, muito humildemente, tentávamos enfim conseguir encontrar soluções para os graves problemas que os muitos e muitos séculos de domínio lusitano nos haviam legado, e dentre os quais se destacava, claramente, o simples fato de que, a maioria dos nós, nunca tinha sequer tido a oportunidade de ir a uma escola, já que, de acordo com as leis que havíamos herdado dos nossos senhores portugueses,

nós, os nativos ocidentais, e os africanos, e os mestiços de todos os tipos, deveríamos ser tratados da mesma maneira que todos os outros seres naturais, ou seja, como se nós não fôssemos seres humanos, como se fôssemos apenas mais uma dentre as muitas espécies de animais inferiores.

E assim foi feito, desde o momento em que os portugueses por aqui aportaram. Em mais de trezentos anos de colonização eles só autorizaram o funcionamento de umas poucas escolas, todas elas religiosas, e que mal davam uma formação mínima para os seus poucos alunos, fazendo com que, no momento da nossa suposta Independência, apenas uma ínfima parcela da nossa população fosse capaz de assinar os seus próprios nomes e, um número menor ainda, dentre os poucos que haviam sido escolhidos para executar os trabalhos mais elaborados, fossem capazes de fazer algumas contas, e apenas as mais simples.

Enfim, eles nos impuseram, durante o seu longo período de domínio sobre estas terras, o mais absoluto obscurantismo e, às poucas pessoas que eles concederam o tão elevado privilégio de frequentar os seus educandários, a mais restrita educação. Uma educação, ou melhor, uma forma de adestramento, em que nós não aprendíamos a raciocinar, apenas éramos ensinados como melhor servir aos nossos senhores, fossem eles os portugueses, os ingleses ou os franceses, num processo que acabou fazendo com que nós nos tornássemos um dos mais dóceis escravos de todo o mundo ocidental e, uns poucos de nós, estes sim, muito orgulhosos de suas tão limitadas capacidades, os mais eficazes capatazes.

Esta foi, sem qualquer sombra de dúvida, a mais expressiva realização dos nossos nobres senhores portugueses aqui nestas terras; um povo escravo e completamente analfabeto, mas que, por ter sido batizado, estaria salvo.

Sim, porque desde os tempos do Império, que tinha como religião oficial a Católica Apostólica Romana, se supunha que bastava que nós tivéssemos sido catequizados de acordo com os preceitos da Santa Igreja de Roma para que as nossas almas,

supostamente eternas por uma graça divina, estivessem salvas, mesmo que, neste mundo, as nossas vidas continuassem sendo miseráveis, o que, por sua vez, não seria algo tão ruim assim se nós, humildemente, seguíssemos obedecendo aos tão elevados desejos dos nossos nobres senhores, pois, após termos morrido, seríamos regiamente recompensados por nossa obediência com uma vida eterna de bem aventurança no Reino dos Céus.

Portanto, sem sabermos, como vocês agora sabem, que as nossas existências após termos nos retirado deste plano iriam depender exclusivamente dos nossos próprios esforços nesta direção, nós, ignorantemente, seguíamos obedecendo aos tão sagrados dogmas católicos que, dentre muitas outras coisas, nos faziam crer que todos nós deveríamos aceitar esta vida de dor e sofrimento aqui na Terra como sendo algo benéfico, já que, esta seria, a única forma de nos redimirmos de um tal de pecado original que, no início, havia sido cometido por Adão e Eva.

Porém, no final do século XX, muitos de nós começamos a duvidar, e mais, a questionar, esta tão antiga tradição que só sabia nos ensinar a ficar esperando por nossas próprias mortes para que, no final dos tempos, fôssemos recompensados com uma vida digna no Céu.

Foi então, nesta época, que despertamos de um período de dormência que havia durado séculos e finalmente percebemos que nós não éramos naturalmente eternos; que todos nós, sem exceção, no momento de nossas próprias mortes, poderíamos simplesmente deixar de existir; que não havia graça divina, ou mesmo qualquer tipo de dom natural, que de alguma maneira pudesse garantir as nossas existências após termos saído deste plano; que as nossas existências, tanto neste mundo quanto em qualquer um dos outros planos existenciais, iriam depender de nós mesmos, do esforço que cada um de nós, individualmente, ou em conjunto, viéssemos a fazer para tentar conseguir atingir um estado de consciência que fosse capaz de existir sem mais depender de seu complemento material.

Enfim, que éramos nós mesmos os únicos responsáveis por nossas vidas, tanto neste mundo quanto em algum dos muitos outros planos existenciais.

E mais, que estes outros planos existenciais, ou melhor, estes outros estados de vibração, só se revelariam para aqueles que, por suas próprias escolhas e ações, viessem a conseguir atingir uma sintonia que fosse compatível com eles. Exatamente como, não fazia tanto tempo assim, nos havia ensinado Jesus, o filho de José e Maria.

Ou seja, que seríamos cada um de nós, por nossas próprias escolhas e ações neste mundo, tanto individuais como coletivas, os únicos responsáveis pelas sintonias de nossas almas; que as nossas vidas nunca tinham sido, e jamais seriam, determinadas de acordo com o nosso grau de obediência aos sagrados padres da Igreja Católica Apostólica Romana, ou mesmo a qualquer uma das muitas outras autoridades constituídas deste mundo; que as nossas vidas sempre tinham sido, e assim continuariam sendo, inapelavelmente, determinadas por nós mesmos, pelas nossas próprias decisões, mesmo que os tão astuciosos padres tentassem nos convencer do contrário — de que eles possuíam uma relação especial e exclusiva com o próprio Senhor Deus e, portanto, seriam capazes de interceder a nosso favor para nos liberar dos nossos muitos pecados e, muito mais que isto, para conseguir nos arranjar um lugar especial no Reino Eterno do Senhor Deus Pai Todo Poderoso Criador do Céu e da Terra, Aquele que, no Dia do Juízo Final, finalmente iria se revelar para decidir quais de nós seríamos os dignos merecedores de uma vida eterna no Seu Reino e, quais de nós, por outro lado, indubitavelmente, deveríamos ser punidos, também com uma vida eterna, mas nos confins do Inferno; algo que, em última instância, seria decidido, e isto até o último centavo, exatamente de acordo com qualquer que fosse o resultado final dos muitos créditos e débitos espirituais que, cada um de nós, de alguma maneira, tivéssemos conseguido angariar enquanto tínhamos estado atuando aqui, neste mundo inferior.

Esta era, então, a tão elevada mensagem espiritual que nos era ministrada pela Igreja. Esta era a Sagrada Verdade, como preferiam os padres, que ainda nos era imposta, e isto em pleno século XX, por aqueles que haviam sido doutrinados de acordo com os tão antigos preceitos católicos apostólicos romanos.

Porém, este longo tempo, em que vivemos na mais completa ignorância e, também, na mais absoluta submissão aos divinos preceitos que nos eram revelados pela sagrada corporação dos sacerdotes romanos, por fim acabou chegando ao seu término.

Depois de termos vivido, e isto por muitos e muitos séculos, em um estado de completa submissão aos divinos dogmas da Igreja Católica Apostólica Romana, muitos de nós conseguimos perceber que seríamos nós mesmos os únicos responsáveis pela maneira com que manifestávamos as nossas existências; que as nossas vidas, tanto aqui como em algum outro mundo, seriam determinadas, exclusivamente, por nossas próprias escolhas, e não, como os padres tentavam nos fazer crer, por algum tipo de contabilidade espiritual; por uma conta que, no final, teria o seu resultado determinado de acordo com o nosso grau de obediência às Sagradas Encíclicas, às absolutas determinações que, de tempos em tempos, eram emanadas, e isto para todos os povos do mundo, pelo eventual ocupante do trono de Pedro.

Assim, foi neste estado de descoberta, ou de rebeldia como muitos então preferiram chamar, pois, neste momento, de fato, ocorreu uma ampla e completa desobediência aos padrões de pensamento e comportamento que até então nos haviam sido violentamente impostos pelos representantes da mentalidade aristotélica, que nós viemos a despertar, tanto para o mundo espiritual como, também, para o mundo ao nosso redor; um mundo que, há muito tempo, já poderia ter sido transformado num paraíso não fosse a nossa própria ignorância e, também, o tão decidido esforço que, aqueles que se beneficiavam com a antiga ordem aristotélica, sempre tinham feito para que nosso verdadeiro modo de ser, humano, nunca viesse a conseguir se manifestar em sua plenitude.

Portanto, foi neste estado de despertar mental, que ocorreu na segunda metade do século XX, mas que de fato só veio a conseguir se manifestar, em sua plenitude, no início do século XXI, que nós finalmente decidimos que iríamos tentar realizar as fundamentais transformações que, por muitas eras, vinham sendo resolutamente aguardadas por quase todas as formas de vida sencientes que, ao longo dos tempos, haviam conseguido vir a florescer neste belíssimo planeta.

Enfim, foi neste momento que nós decidimos que iríamos tentar mudar, e desta vez para melhor, a maneira com que nos relacionávamos; não somente entre nós mesmos mas, também, com o meio ambiente terrestre; algo que aqui, na Terra Brasil, significava, entre muitas outras coisas, que nós teríamos que abandonar as nossas tão antigas práticas extrativistas e, muito mais do que isto, a nossa tão boçal mentalidade escravocrata; que nós teríamos que deixar de louvar o tão imundo modo de ser que, ignorantemente, havíamos herdado dos nossos bestiais colonizadores portugueses.

Ou seja, que independente de qualquer outra questão, nós teríamos que tentar rever a mentalidade que havíamos herdado dos nossos aristotélicos colonizadores portugueses; algo que, ao longo dos quinhentos anos que se passaram depois que eles por aqui aportaram, em momento algum foi feito.

Sim, porque no momento da nossa suposta Independência, a nossa tão nefasta herança portuguesa não foi, nem ao menos, questionada.

Quando nós, então, pensávamos que finalmente estávamos nos libertando de Portugal, o que de fato estava ocorrendo era a simples transferência destas terras para o seu novo dono. Nós simplesmente deixamos de ser mais uma possessão portuguesa para nos tornarmos uma propriedade exclusiva do Imperador Pedro, aquele que, ao longo da nossa História, seria apenas o primeiro, dentre muitos, que iriam tomar estas terras para seu próprio benefício antes que algum outro aventureiro qualquer o fizesse.

Sim, porque foi isto que aconteceu então. E mais, foi isto que veio a acontecer muitas outras vezes, sendo que, a segunda vez, se deu no momento da nossa suposta democratização.

Foi quando as nossas elites, para suposto benefício de todos nós brasileiros, na calada da noite, se acercaram de um velho Marechal e, depois de muito insistirem, por fim conseguiram fazer com que este viesse a trair o seu juramento de obediência e usasse das armas que estavam sob sua responsabilidade para fazer o que eles tanto queriam, mas que, como os covardes que eram, não tinham a audácia de tentarem fazer por si mesmos: a Proclamação da República.

Assim, foi graças aos militares, que estavam sendo guiados pelas nossas tão esclarecidas elites políticas, que nós, mais uma vez, fomos libertos.

Foi assim, para nosso próprio benefício, que nós, mais uma vez, fomos trocados de mão.

Só que, desta vez, do Imperador Pedro, o segundo, para os mesmos que antes, junto com o nosso Imperador, e com total aprovação da Santa Igreja, tinham sido os nossos algozes por mais de três séculos; para os mesmos inclementes senhores de escravos que, antes, tinham sido os nossos benditos opressores por séculos.

Mais exatamente, para os próprios filhos destes que, agora, nesta supostamente novíssima época, estavam se apresentando travestidos de republicanos.

Mas não como republicanos quaisquer pois, muitos deles, além de terem vivido por longos períodos na Europa, tinham, aproveitando que estavam por lá, feito profundos estudos em muitas das soberbas instituições de ensino européias – como a tão revolucionária Universidade de Coimbra – e, assim, tinham descoberto muitas novas maneiras de entender o mundo ao seu redor; algo que, por fim, abriu as suas mentes, e mais, fez com que eles se tornassem pessoas capazes de fazer desabrochar as suas tão naturais afinidades com o pensamento republicano do tipo mais requintado: o pensamento democrático liberal.

Assim, tendo descoberto muitas novas maneiras de pensar, eles, os nossos senhores, entusiasmados com as suas tão novas descobertas, decidiram nos esclarecer também, pois, além de serem pessoas muito dadas, eles eram pessoas muitíssimo bondosas e, conseqüentemente, achavam que tinham o sagrado dever de nos esclarecer sobre as grandes novidades das quais eles tinham ouvido falar lá na Europa; especialmente sobre um novíssimo tipo de Estado que estava na última moda, uma tal de República.

Enfim, seja como for, esta foi, até então, a mais grandiosa e magnífica realização das nossas tão esclarecidas elites políticas: uma democracia que tinha como guardiães os militares e não, como deveria ser, nós, o povo.

Mas, quanto a esta questão de forma de governo, tanto os nossos novos líderes políticos, os republicanos, assim como os militares, os tradicionais cães de guarda destas mesmas elites, estavam de pleno acordo: não deveria ser permitido que nós nos governássemos.

E eles estavam totalmente de acordo quanto a esta questão porque nós, por sermos um povo mestiço, naturalmente éramos um povo inferior e, como tal, deveríamos ser governados por eles, que eram bem mais brancos e, portanto, eram bem mais puros, ou melhor dizendo, eram pessoas mais esclarecidas.

Afinal, eles eram os brasileiros que estavam mais próximos da supostamente superior cultura européia; a mesma cultura que antes havia sido inquisitorial e que, mais tarde, seguindo com esta mesma estúpida mentalidade, tinha provocado duas guerras mundiais e que, mesmo no final do século XX, ainda achava que era correto explodir artefatos nucleares em outras terras pois, como eles mesmos então diziam, estavam apenas fazendo testes.

Mas, mesmo assim, foi esta cultura que os nossos senhores escolheram adotar, seguindo diligentemente o que lhes havia sido ensinado nos tão antigos e retrógrados colégios fundados pelos padres jesuítas.

Sim, porque era lá, nestas escolas, que muitos dos membros das nossas elites aprendiam que, exatamente como no caso do Céu e da Terra, aqui também, nesta nossa impura sociedade, haviam aqueles que eram, por determinação do próprio Deus, superiores e, portanto, não apenas tinham o sagrado dever de nos esclarecer, mas, também, de nos governar.

Enfim, que os nossos padres, assim como as nossas elites, não apenas tinham o direito, mas, também, o sagrado dever de nos governar; a todos nós, os seres inferiores, posto que, este mundo, era um lugar de doutrinação e, portanto, cabia a eles, que eram seres mais elevados, não apenas nos esclarecer, mas, também, nos guiar ao longo do único verdadeiro caminho que nos levaria, após a nossa morte, ao Reino dos Céus.

Contudo, para nós, o que havia ocorrido, tanto no momento da nossa suposta Independência, assim como no momento da Proclamação da República, tinha sido apenas mais uma troca de governo; mais uma destas muitas disputas que, de tempos em tempos, os nossos senhores, de maneira muito convincente, encenavam.

E, pelo que depois viemos a presenciar, estes movimentos foram apenas os dois primeiros atos de uma longa peça que os nossos senhores iriam continuar encenando por décadas, como numa infundável novela.

Contudo, se nós então tivéssemos sido consultados – se os nossos supostamente tão benevolentes líderes tivessem tido a necessária coragem para olhar em nossos corações – eles logo teriam percebido que o que nós sempre tínhamos desejado, ao longo dos quinhentos anos que antecederam o início do século XXI, era apenas sermos tratados como seres humanos; algo que, apenas um, dentre os muitos governantes que tivemos ao longo deste período, teve a sensibilidade e, também, a tão necessária coragem, para conseguir encarar; ele, Juscelino Kubitschek, o Fundador. Foi ele o primeiro dos governantes brasileiros que, efetivamente, acreditou em nós e, verdadeiramente, se lançou, de corpo e alma, à construção de uma nação brasileira.

E foi ele também que, indo mais além, mostrou-nos nossa grande capacidade de realização quando, no Planalto Central, inaugurou a nossa Nova Capital.

Com esta nova cidade, que havíamos construído para ser o marco inicial de uma nova era para esta nossa nação, nós, pela primeira vez, pudemos perceber, e mais, nos orgulhar, da nossa grande mestria.

Mas, além disso, ele foi o único dos nossos governantes que, de fato, respeitou as nossas leis, pois, ao final do seu mandato, mesmo tendo o apoio popular necessário para poder alterar a Constituição em seu próprio benefício e, assim, ser reeleito, ele, muito respeitosamente, escolheu honrar nossa confiança e, no que nós julgamos seria um gesto que seria seguido por todos os nossos governantes que viessem a sucedê-lo, entregou, sem apresentar qualquer tipo de resistência, o seu mandato àquele que havíamos eleito para dar prosseguimento ao processo de transformação pacífica de nossa sociedade.

Porém, não foi isto que aconteceu. Pela mais desvairada insânia de um, e pela absurda insensatez de muitos outros, seguida pelos temores de mais alguns outros, tivemos como resultado mais um governo totalitário, muitíssimo parecido com aqueles outros Estados supostamente novos que tinham precedido o governo de Juscelino Kubitschek, e que, para a nossa infelicidade, seria muito parecido com os muitos que viriam a sucedê-lo, ao longo de muitas décadas, até o final do século XX.

Assim, através da suprema arrogância e, também, da mais absoluta falta de respeito das nossas tão retrógradas elites para conosco, nós, o povo, viemos a assistir, mais uma vez, ao nosso ideal de um mundo melhor, aqui na Terra Brasil, ser adiado.

Mais uma vez o nosso ideal de uma nação constituída com o propósito de promover a paz e a prosperidade com justiça e em liberdade teve que aguardar por uma mais ampla mudança de mentalidade do que aquela que, no início, JK havia tentado promover.

Enfim, é assim que eu me lembro de como foi no início. É assim que eu marco o início: na Fundação de Brasília, quando nós vimos que sim, nós éramos capazes de transformar a terra; que nós éramos capazes de fazer surgir um belo jardim onde antes nada havia.

E mais, foi lá, naquela época e naquele lugar, que, eu creio, foi plantado o sentimento de paz e prosperidade que, por fim, veio a florescer no início do século XXI, quando nós retomamos a construção de uma nação para todos nós brasileiros.

Esta nossa nação brasileira que, além de ser algo do qual nós muito nos orgulhamos é, para o mundo, a prova viva de que é possível sim a paz entre os seres humanos de boa vontade.

Mas sim, eu sei que para você parece que demoramos muito mais do que demais para perceber algo tão evidente.

Porém, assim foi. Um esforço de milhares de anos para que conseguíssemos realizar esta condição fundamental, este estado de espírito que é tão essencial para o desenvolvimento da nossa própria espécie e, também, para nossa própria evolução como entes humanos.

E mesmo tendo sido assim, uma caminhada tão longa e difícil,

nós

conseguimos chegar

a tempo,

pois, na verdade,

nunca,

é que teria sido

tarde demais.

Esta é
uma obra
de ficção; qualquer
semelhança com pessoas
ou acontecimentos
reais é fruto
da sua
própria
imaginação.

Copyright © 1999 by Eduardo Haagen

O autor autoriza a reprodução
desta obra para uso
pessoal apenas.
Se você deseja editar
e/ou
comercializar
esta obra,
entre
em
contato
com o autor

haagen@highway.com.br

Se
você
leu este
livro,
e souber
como
fazer,
deposite
uma contribuição,
tipo direitos autorais,
na seguinte conta:

Banco Itaú (341)
Agência 0413 Conta 21979-1
em nome de Eduardo Haagen.

O autor agradece.

O arquivo original se encontra disponível em:
<http://www.highway.com.br/users/haagen/inicio.htm>